

FILIPA MAFALDA FERREIRA CIRILO

**VINCULAÇÃO, PERSONALIDADE E PROCURA DE
SENSAÇÕES EM SUJEITOS ADITOS**

Orientador: José de Almeida Brites

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

Escola de Psicologia e Ciências da Vida

Lisboa

2015

FILIPA MAFALDA FERREIRA CIRILO

**VINCULAÇÃO, PERSONALIDADE E PROCURA DE
SENSAÇÕES EM SUJEITOS ADICTOS**

Dissertação apresentada para obtenção do Grau de Mestre em Psicologia no Curso de Mestrado em Psicologia, Aconselhamento e Psicoterapias, conferido pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias.

Orientador: Prof. Doutor José de Almeida Brites

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias
Escola de Psicologia e Ciências da Vida

Lisboa

2015

Epígrafe

“A alegria está na luta, na tentativa, no sofrimento envolvido e não na vitória propriamente dita. “

Mahatma Gandhi

Dedicatória

Aos meus Pais...

Agradecimentos

Perante o curto espaço que a seção de agradecimentos disponibiliza, não me permite agradecer, como devia, a todas as pessoas que durante o meu percurso académico apoiaram direta ou indiretamente os meus objetivos e a concretização de mais esta etapa. Ainda assim, deixo algumas palavras, mesmo que poucas, mas com um profundo sentimento de gratificação.

À minha família, em especial aos meus pais, que admiro muito, por se dedicarem sempre aos filhos e por estarem sempre presentes e disponíveis em todas as alturas possíveis e imaginárias, por nunca deixarem de acreditar em mim e no que faço, sem eles nada disto era possível.

Ao Prof. Doutor José de Almeida Brites, expresso um forte agradecimento pelo apoio e orientação, tal como, pela disponibilidade que sempre demonstrou. Pelo conhecimento, pelas opiniões e críticas, por todas as palavras de incentivo perante os momentos mais difíceis de gerir.

À Associação Casa da Barragem, por permitir a realização desta investigação, em especial ao Dr. António Coelho, pela disponibilidade e colaboração na recolha da amostra na associação. Declaro também, o meu forte agradecimento a todos os participantes desta investigação, que deram uma ajuda essencial para que este estudo fosse possível.

À Maria Vicência, à Rita Rossio, à Diana Simões, à Ana Farias e à Cláudia Almeida um agradecimento muito especial, por todo o apoio, dedicação, paciência e carinho demonstrado durante o decorrer desta etapa.

Aos restantes amigos, agradeço pelo companheirismo que sempre demonstraram, pelas conversas infindáveis, desabafos entre lágrimas e sorrisos, pelas palavras de incentivo e força, obrigada por serem quem são, e obrigada por tentarem sempre fazer de mim uma pessoa melhor.

Muito Obrigada.

Resumo

Esta dissertação teve como objetivo verificar quais as diferenças entre os traços de personalidade, os padrões vinculativos e a procura de sensações entre sujeitos com comportamentos aditivos em tratamento e sujeitos sem comportamentos aditivos, tal como, compreender se a qualidade das relações de vinculação que estabelecem ao longo da vida, os traços de personalidade e a procura de sensações diferem significativamente entre estes dois grupos, e também, compreender se a vinculação, os traços de personalidade e a procura de sensações se associam e de que forma se influenciam entre si. A amostra é constituída por 64 indivíduos, dividida em dois grupos, sendo que 30 nunca consumiram drogas e 34 consumiram no passado, e atualmente estão em tratamento. Os instrumentos utilizados abrangeram, um questionário sobre os dados sociodemográficos e sobre a história toxicológica, para avaliar a personalidade foi usado o Big Five Inventory, para a vinculação a Escala de Vinculação para Adultos e o Sensation Seeking Scale- Version para avaliar a procura de sensações. Os resultados foram indicadores da existência de diferenças, entre o grupo de consumidores de drogas e não consumidores em relação aos traços de personalidade, assim como, aos padrões vinculativos e à maior procura de sensações.

Palavras-chave: Personalidade, Vinculação, Procura de Sensações e drogas.

Abstract

The objective of this dissertation was to verify the differences between personality traits, attachment patterns and sensation seeking between individuals being treated for addictive behaviours and individuals without those behaviours; that is, to understand if the quality of the attachment relationships that the individuals establish throughout their lifespan, as well as their personality traits and their sensation seeking differ significantly between these two groups and also to comprehend if attachment, personality traits and sensation seeking are associated variables and in which way they exert influence over one another. Our sample is comprised of 64 individuals, divided in two groups, 30 of which have never used drugs and the remaining 34 of which have used drugs in the past and are currently being treated for drug abuse. Our evaluation protocol included a sociodemographic data and toxicology history questionnaire, as well as the Big Five Inventory to evaluate personality factors, the Adult Attachment Scale – R to evaluate attachment factors, and the Sensation Seeking Scale – V to evaluate sensation seeking factors. Our results show that there are differences between the subjects that have used drugs and those that have never used them, regarding their personality traits, their attachment patterns and their sensation seeking behaviour.

Keywords: Personality, Attachment, Sensation Seeking, Drugs.

Lista de Abreviaturas

APA - American Psychological Association

BFI – Big Five Inventory

CID 10 – Classificação Internacional de Doenças

DGS – Direção Geral de Saúde

DP - Desvio padrão

DSM-IV-TR – Manual de Diagnóstico Estatístico de Transtornos Mentais

EVA – Escala de Vinculação do Adulto

GHB - Ácido gama-hidroxibutirato

L.S.D - Lysergic acid diethylamide (Dietilamida do ácido Lisérgico)

OMS – Organização Mundial da Saúde

SICAD – Serviço de Intervenção nos Comportamentos Aditivos e nas Dependências

SSS- V- Sensation Seeking Scale- Version

SPSS - - Statistical Package for Social Sciences

WHO – World Health Organization

Índice

Introdução.....	12
Parte I: Enquadramento Teórico.....	14
Capítulo 1 – Comportamento Aditivo	15
1.1.– Uso e dependência de Substâncias	16
1.2. – Adição e Dependência de Substâncias	16
1.3. – Toxicodependência.....	17
1.5. – Realidade Portuguesa	19
Capítulo 2 – Vinculação	22
2– Teoria da Vinculação	23
2.1. – Vinculação na Idade Adulta	26
2.2. – A Vinculação como Suporte da Personalidade	27
2.3. – Vinculação e Comportamentos Aditivos.....	28
Capítulo 3 – Personalidade.....	31
3. – Definição de Personalidade	32
3.1. – Teoria dos Traços de Personalidade de Allport.....	32
3.2. – Teoria Multifatorial da Personalidade.....	33
3.3. – Teoria dos Cinco Fatores da Personalidade	34
3.4.- Estudos realizados com o Modelo dos Cinco Fatores.....	34
3.5. – Personalidade e Comportamentos aditivos.....	36
Capítulo 4 – Procura de Sensações	38
4. – Definição de Procura de Sensações.....	39
4.1. Procura de Sensações	41
4.2 -Personalidade, Procura de Sensações e Comportamentos Aditivos.....	44
Parte II: Estudo Empírico	48
Capítulo 5 – Objetivos e Hipóteses	49
Capítulo 6 – Método.....	50
6.1. – Participantes	51
6.2. – Instrumentos.....	54
6.2.1 – História Toxicológica.....	54
6.2.2. - EVA – Escala de Vinculação para Adultos (Canavarro, 1996)	54
6.2.3. - BFI – Big Five Inventory (Benet-Martinez & John, 1998).....	55
6.2.4. - SSS-V - Sensation Seeking Scale - V	57
6.3. – Procedimento.....	58
6.4.- Resultados.....	58

Capítulo 7 – Discussão dos Resultados	66
CONCLUSÃO	70
Bibliografia	72
Anexos	78
Anexo 1	I
Q.V.T.; F. Cirilo & J. Brites, 2014.....	III

Índice de Tabelas

Tabela 1: Número dos Consumidores e Não Consumidores de drogas por Sexo	51
Tabela 2: Número dos Consumidores e Não Consumidores de drogas por Etnia, Religião, nível Socioeconómico e Área que vive atualmente	53
Tabela 3: Características Demográficas da amostra.....	54
Tabela 4: Frequência e idade do Consumo de Drogas	59
Tabela 5: Uso ou não de drogas intravenosas	59
Tabela 6: Motivos para o consumo de drogas	61
Tabela 7: Diferenças entre as subescalas do teste BFI em função do consumo ou não de drogas	61
Tabela 8:Diferenças entre as subescalas do teste EVA em função do consumo ou não de drogas	62
Tabela 9 Diferenças entre as subescalas do teste SSS-V em função do consumo ou não de drogas	63
Tabela 10:Correlação entre as subescalas do BFI, EVA e SSS-V (Consumidores de Droga). 64	
Tabela 11: Correlação entre as subescalas do BFI, EVA e SSS-V (Não consumidores de Droga).....	64

Introdução

O presente estudo exploratório, tem como principal objetivo compreender se fatores como os traços de personalidade, a vinculação e a procura de sensações estão relacionados com o consumo abusivo de substâncias.

O uso abusivo de drogas é um assunto da atualidade, uma realidade trágica que atinge adolescentes, jovens e adultos, todos os estratos sociais, todas as profissões, todas as religiões e diz- nos respeito a todos nós (Loureiro et al., 2000).

Em 2006, segundo o Instituto da Droga e da Toxicodependência, 32.460 pessoas estiveram presentes em consultas de ambulatório, maioritariamente devido a problemas com o consumo de heroína. Não são, contudo, divulgados os números de todos os outros que, sendo toxicodependentes, procuram ajuda.

A Organização Mundial de Saúde (1997) define toxicodependência como o desejo ou a necessidade inevitável de prosseguir no consumo da droga e de alcança-la seja de que modo for, com tendência à hiperdosagem, dependência psíquica e física dos efeitos da droga (Loureiro et al., 2000).

O conceito de toxicodependência está estreitamente ligado com o de droga. De acordo com a OMS define-se droga como: “substância natural ou sintética que modifica o funcionamento do organismo no qual é introduzida”; bem como toxicodependência como: “um comportamento que cria uma relação de dependência com uma droga” (Ferreira, 2001, p.52).

A toxicomania é definida pela OMS citado por Justiça (1991, p.440) como “absorção voluntária, abusiva, periódica ou crónica de uma droga natural ou sintética”. Nesta definição encontram-se incluídas toxicomanias legais como o álcool e os medicamentos psicotrópicos (ansiolíticos e tranquilizantes), que vêm aumentar o número de toxicodependentes e não são estudados quando se fala de toxicodependência.

Quando se fala em toxicodependência habitualmente não se mencionam as diferenças estatísticas relacionadas com o género no que se refere à prevalência. No entanto, e segundo o Relatório Anual 2006 do Observatório Europeu da Droga e da Toxicodependência, existem grandes diferenças entre os géneros: os homens continuam a ser mais numerosos do que as mulheres em todos os países europeus.

Se as repercussões do consumo abusivo são nefastas em ambos os sexos, as consequências da toxicodependência na mulher são notoriamente diferentes uma vez que estão relacionadas com a sua função sexual, reprodutiva, gravidez e função materna.

Esta dissertação está dividida em duas partes: Parte I que é referente ao enquadramento teórico e Parte II que diz respeito ao estudo empírico. A parte I está agrupada em vários capítulos, inicialmente foi elaborada uma revisão bibliográfica relativamente aos comportamentos aditivos, aos seus mecanismos de ação, teorias atuais relativamente aos consumos e à realidade Portuguesa. O segundo capítulo é destinado à vinculação e aos respetivos modelos, focalizando a abordagem teórica para a idade adulta e para os comportamentos aditivos. Posteriormente, num terceiro capítulo foi realizada uma abordagem à temática da personalidade, onde constam diferentes definições e perspetivas teóricas.

No quarto capítulo é finalizada a revisão da literatura com o tema da procura de sensações, é feita uma abordagem à perspetiva histórica da evolução do conceito da procura de sensações. O quinto capítulo, remete para a elaboração dos objetivos tal como a para a apresentação das hipóteses em estudo na investigação.

É iniciada a segunda parte (estudo empírico) com o sexto capítulo que inclui o método, são referidas as características da amostra utilizada, as medidas e o procedimento. De seguida, são apresentados os resultados do estudo, com as respetivas tabelas explicativas dos mesmos.

Por fim, no sexto capítulo encontra-se a discussão, onde será realizada uma interpretação dos resultados para se perceber se foram confirmadas as hipóteses lançadas nesta investigação.

Posteriormente, a conclusão onde serão realçados os principais pontos deste trabalho, as implicações, as limitações e sugestões, para futuras investigações.

Parte I: Enquadramento Teórico

Capítulo 1 – Comportamento Aditivo

1.1.– Uso e dependência de Substâncias

A Dependência/uso de substâncias segue a humanidade desde as suas primeiras civilizações, quer por motivos de cura, religiosos ou recreativos, abrangendo, também a medicina e a cultura (Seibel, 2001). Ultimamente, este tem sido uma temática com bastante interesse, uma vez que, instiga as várias áreas da investigação e do saber a debruçarem-se no estudo e análise deste fenómeno (Fontes, 2007).

1.2. – Adição e Dependência de Substâncias

A adição de drogas é considerada o consumo persistente de uma ou várias substâncias psicoativas, até um determinado momento em que o sujeito adito, está constantemente sobre efeitos de drogas, com uma vontade compulsiva em consumir e juntamente expõe dificuldades em suspender livremente ou mudar o consumo das substâncias (OMS, 1994).

A adição é descrita como uma doença de entidade própria, debilitante e enraizada nos efeitos farmacológicos da substância. Na década dos anos sessenta a OMS, aconselhou a interrupção do uso dos termos adição e habituação devido a ser vago e levar a erradas interpretações em favor do uso do termo dependência, uma vez que este pode expor vários graus de severidade (OMS, 1994).

Assim, a dependência é tida como a condição de necessidade ou dependência de algo ou alguém, seja como apoio para funcionar ou sobreviver. Este termo pode ser utilizado quer no álcool, como nas drogas e envolve uma necessidade de consumir repetidamente doses de droga para o “bem-estar” pessoal. (OMS, 1994).

Nos dias de hoje, o conceito de dependência de substâncias, debruça-se em sinais e sintomas específicos e manifesta-se em critérios de diagnóstico. Estes são observados como um combinado de fatores de risco que se elevam de maneira variada, embora que específicos de sujeitos para sujeitos (Sousa & Abrão, 2008).

O Manual de Diagnóstico Estatístico de Transtornos Mentais - DSM-IV-TR (APA, 2002) vai ao encontro do que foi mencionado anteriormente, ou seja, classifica a dependência como um conjunto de sintomas cognitivos, comportamentais e fisiológicos. Aponta que o sujeito adito revela um controlo deficitário sobre o consumo das substâncias, que consome apesar dos riscos a que estas levam. Este termo é equivalente ao síndrome de dependência reconhecido pela Classificação Internacional de Doenças – CID-10.

Assim, o DSM-IV-TR classifica a dependência de substâncias, como um conjunto de três ou mais dos sintomas referenciados em seguida, que sucede a qualquer tempo no mesmo período de doze meses.

São sete os critérios de dependência de substâncias o 1) Tolerância, 2) Abstinência, 3) A substância é frequentemente consumida em quantidades superiores ou num período mais longo do que o pretendido, 4) O desejo persistente e esforços, sem êxito, para diminuir/controlar o uso da substância, 5) É desperdiçada grande quantidade de tempo em atividades necessárias à obtenção e utilização de substâncias e à recuperação dos seus efeitos, 6) Abandono/Diminuição da participação em atividades sociais, devido ao consumo da substância e 7) A utilização da substância é continuada apesar da existência de um problema persistente/recorrente, físico ou psicológico, provavelmente causado pela utilização da substância (DSM-IV-TR). A CID-10 identifica a dependência de substâncias como um conjunto de três ou mais dos sintomas. Estes têm de ser experimentados ou expostos em alguma situação do último ano. São seis os critérios de dependência de substância o 1) Desejo intenso ou sensação de compulsão para fazer uso da substância, 2) Dificuldades em controlar condutas relacionadas com o uso da substância em termos do seu início, término, ou a porção usada, 3) Estado de abstinência fisiológica quando o uso da substância é interrompido ou reduzido, 4) Evidência de tolerância, tal como, doses elevadas da substância psicoativa são essenciais para atingir o mesmo efeito originalmente causado por doses inferiores, 5) Negligência gradual de atividade prazerosa ou de interesses opcionais em razão do uso da substância psicoativa, grande porção de tempo é necessária para alcançar ou consumir a substância ou recuperar dos seus efeitos, 6) Permanecer com uso da substância apesar de evidências claras do resultados evidentemente danosos (OMS, 1992).

1.3. – Toxicodependência

A Toxicodependência é uma problemática bastante discutida hoje em dia devido a todos os problemas que estão intrínsecos. É relevante o seu estudo para o possível entendimento das suas causas e efeitos, como compreender os motivos que conduzem um sujeito a entrar no mundo da toxicodependência. Este termo é definido como um estado de intoxicação periódica ou crónica estimulada pelo consumo repetitivo de drogas sintéticas ou naturais de forma recreativa (Pinto-Coelho, 1998).

A OMS (1997) define toxicodependência como uma condição física e psíquica resultante da interação do organismo vivo com substâncias. Estas geram modificações no

comportamento e outras ações que levam sempre a um impulso para o consumo de forma contínua, e deste modo alcançar os efeitos psíquicos, de forma a impedir os efeitos indesejados que a privação provoca. Esta situação, pode ou não estar assistida de tolerância, como um sujeito pode estar dependente de uma ou de várias substâncias (Fernandes, 1997).

A toxicodependência contém três singularidades, 1) desejo indomável de prosseguir com os consumos e obtenção das substâncias a qualquer custo, 2) tendência a aumentar as doses, tolerância e 3) dependência psíquica e física dos efeitos das substâncias, ou seja, a manifestação de um conjunto de sinais quer físicos quer psíquicos imediatamente após interromper bruscamente o consumo (Pinto-Coelho, 1998). Este termo, ostenta também duas formas, 1) dependência psicológica que aparece quando o sujeito tem um desejo incontrolável e enérgica de consumir, ao qual sofre de perturbações a nível emocional quando deixa de realizar esse ato e 2) a dependência física que aparece quando o organismo já ajustou o seu metabolismo à presença da droga, sofrendo sintomas dolorosos quando para de efetuar os seus consumos (Patrício, 1997).

Relativamente às características individuais, ao nível do pensamento, os consumidores ostentam um mundo muito próprio de ideias, classificado pela desorganização de ideias. Esta desorganização é sempre assistida por níveis elevados de estimulação de tonalidade dolorosa, onde existe um grande estado de angústia e dificuldades em controlar e tolerar o *stress*. A relação com o meio é muito pouco sólida, uma vez que, direciona-se, quer para o seu mundo de ideias e pensamentos quer pelos aspetos emotivos e externos que internalizou (Agra, 1998).

Contudo, muitos autores tentaram alcançar o objetivo de definir uma personalidade toxicodependente, em rigor não se pode definir algo que não permanece, pois pode-se apelidar uma conduta toxicodependente, mas não uma personalidade (Bergent, 1996).

Segundo Borges e Filho (2004) e Neto (1996) existem algumas particularidades do indivíduo que o tornam mais ou menos desabrigado ao consumo de drogas. Essas características são por exemplo os sentimentos de dependência, controlo externo em vez de interno, uma assertividade pobre, ambivalência interpessoal, baixa tolerância à frustração, necessidade de aprovação social, dificuldade na identificação e da incapacidade de aceitar o desejo. Todavia, para Pina (2001) as características referidas anteriormente, não são as únicas que podem levar o indivíduo ao consumo, mas também o ambiente social e a idade poderão ter um grande peso na escolha deste caminho. Assim, a toxicodependência é um fenómeno

social pluridimensional que tem como seu primórdio um conjunto de fatores que incluem as singularidades pessoais e familiares do indivíduo, a substância e a natureza da conjuntura sociocultural onde esse consumo se concretiza. Considera-se um problema muito complexo, uma vez que, leva a acontecimentos de estigmas sociais com abundantes origens e que afeta sociedade, podem ser também multideterminadas por situações de natureza dissemelhantes que se juntam ao criar situações para o seu surgimento e conservação (Aragão & Sacadura, 2002; Ló, 2007).

1.5. – Realidade Portuguesa

Em Portugal, a estrutura governamental responsável pela estruturação da política no que respeita à matéria de substâncias ilícitas e álcool, denomina-se Serviço de Intervenção nos Comportamentos Aditivos e nas Dependências (SICAD). Tem como missão primordial promover a redução do uso de substâncias lícitas e ilícitas e o decréscimo das dependências. Este garante o planeamento, gestão, conceção, avaliação e acompanhamento das várias etapas de prevenção, tratamento e reinserção ao nível das substâncias ilícitas e do álcool, com vista a melhorar a coordenação e a execução das políticas e estratégias estabelecidas posteriormente.

As áreas fulcrais de intervenção do SICAD são sete: 1) prevenção, 2) dissuasão, 3) tratamento, 4) redução de riscos, 5) minimização de danos, 6) e 7) reinserção (SICAD, 2014).

Os relatórios de estimativas nacionais do SICAD, relativamente ao uso e abuso de drogas em Portugal, demonstram que 655 926 (9.5%) já consumiram drogas ilícitas (M=15) 15-24 anos=13%; 25-34 anos=16% e 186 421 (2.7%) consumiram nos últimos 12 meses (M=4.1) 15-24 anos=5.8%; 25-34 anos =4.6%). As Drogas mais consumidas nos últimos 12 meses são a cannabis (2.7%), o *ecstasy* (0.3%) e a cocaína (0.2%).

Existe entre 6,2 e 7,4 consumidores de droga em cada mil habitantes, com idades compreendidas entre os quinze e os sessenta e quatro anos. Em Portugal, entre 2000 e 2005, o número estimado de consumidores de drogas tem manifestado um declínio, em especial nos utilizadores de drogas injetáveis (SICAD, 2011). Os resultados encontrados através da II Pesquisa Nacional de Substâncias Psicoativas na População Portuguesa entre os quinze e os sessenta e quatro anos referem que as substâncias lícitas mais usadas são o álcool e o tabaco e que as ilícitas são o cannabis, cocaína e o *ecstasy*.

Ocorreu uma estabilização do uso de substâncias psicoativas ilícitas a exceção da cocaína, heroína e do LSD, onde a sua prevalência de uso aumentou (SICAD, 2011). Segundo o IDT, o cannabis continua a ser a droga com consumos mais elevados em Portugal, com

maior prevalência de consumo na população total (15-64 anos) e na população jovem adulta (15-34 anos). Obteve-se um registo entre 2001 e 2007 do acréscimo das prevalências de consumo ao longo da vida, com um decréscimo das taxas do consumo continuado na população total (43,2% em 2001 e 30,5% em 2007) e na jovem adulta (2001 de 50,3% e em 2007 de 39,4%). Considera-se a terceira droga ao nível da população total e a segunda na população jovem adulta, com taxas elevadas de consumos continuados no ano de 2007. As mulheres apresentam consumos desta substância mais baixos em relação aos homens, bem como taxas de consumos continuados mais baixos.

As regiões que registaram uma maior prevalência do consumo de cannabis foram o Algarve e Lisboa (SICAD, 2011). Já a heroína/opiáceos, os relatórios indicam que o consumo desta substância tem diminuído em comparação com as outras drogas, apesar de ser a principal droga mesclada nos consumos herméticos. Registou-se um aumento dos consumos de heroína entre 2001 e 2007 ao longo da vida na população total (de 0,7% para 1,1%) e uma estabilização na população jovem adulta (1,1,% em 2001 e 2007). Relativamente às taxas de continuidade de consumos entre 2001 e 2007, verificou-se uma diminuição na população total (28,2% para 34,6%). No sexo masculino, o consumo desta substância é mais elevada do que no sexo feminino, embora estas ostentem uma elevada taxa de consumos continuados.

As regiões de Lisboa, Alentejo e o Algarve apresentam uma prevalência acima da média do consumo de heroína em 2007 (SICAD, 2011). A cocaína ao longo dos tempos tem adquirido cada vez mais visibilidade e procura, a nível dos consumos problemáticos esta advoga um papel de destaque, muitas vezes agregada ao consumo da heroína. Em 2007 a cocaína, surgiu em segundo lugar como a droga mais procurada pelos portugueses, na população geral (15-64 anos) e na população jovem adulta (15-34 anos), detém uma prevalência de consumos inferior à de canábis.

O aumento do consumo desta substância, registou-se entre 2001 e 2007, quer na população total quer na jovem adulta. Apesar de ser a segunda droga na população total e a primeira na jovem adulta com taxas de consumos continuados mais elevados no ano de 2007, ocorreu um decréscimo destas mesmas taxas entre 2001 e 2007 na população total (34,1% para 32,2%) e na jovem adulta (46,4% para 41,4%). Nos homens ocorre um predomínio mais elevada do que nas mulheres, apesar destas, apresentarem taxas de consumos contínuos mais elevados. As regiões que apresentam uma prevalência do consumo desta substância acima da média nacional são Lisboa, Centro e Algarve (SICAD, 2011). O Álcool é uma das bebidas

mais consumidas em Portugal, estima-se que os portugueses bebam 2,8 milhões de litros por dia de bebidas alcoólicas. Entre os dezoito e os vinte e quatro anos, cinquenta e oito por cento dos jovens consome álcool (DGS, 2001).

Constatou-se que as mulheres passaram a consumir muito mais álcool, bem como, os jovens que iniciam os consumos cada vez mais cedo (SICAD, 2011). No que respeita ao perfil padrão dos utentes, ou seja, a sócio demografia, os relatórios apresentam uma maior incidência no género masculino (84%), com idades compreendidas entre os 30 e os 44 anos de idade (63%), o nível de ensino não é superior ao 3ºCiclo (77%), cerca de 59% estão desempregados, ao nível das fontes de rendimento cerca de 42% estão a cargo da família e 30% a ganharem o rendimento do seu trabalho, estão a viverem com a família de origem 37% ou só com companheiro com ou sem filhos 32%, a viverem em alojamento familiar clássico 92% e com condições de saneamento 95% (SICAD, 2011).

Capítulo 2 – Vinculação

2– Teoria da Vinculação

Bowlby (1969, 1973, 1988) foi dos primeiros investigadores a debruçar-se pela temática da vinculação. Este autor defendia que o bebé “está equipado com um número de sistemas comportamentais, que fornecem as bases para o desenvolvimento ulterior (posterior) do comportamento de vinculação” (Bowlby, 1978, p. 107). Assim, surgiu a necessidade de estudar os instintos, separando-se cada vez mais do método psicanalítico em detrimento do rigor científico maioritariamente positivista, observando e mensurando os fenómenos que pretendia estudar. Estudou o comportamento e constatou que o bebé desde o início da sua vida entrava em relação com o outro (mãe ou principal cuidador) posicionando-se na relação que estabelecia, ou seja, os sistemas comportamentais, no início da vida, funcionavam como sistemas mediadores primitivos ou respostas instintivas componentes, sendo estas compostas por cinco respostas involuntárias componentes ou parciais, tais como a sucção (chupar), a apreensão (agarrar), a orientação (seguir, gatinhar, andar), o choro e o sorriso. Nas três primeiras respostas, o bebé é visto como elemento ativo, enquanto que, as duas últimas são vislumbradas como “iniciadores de relação” (Bowlby, 1969; Ainsworth, 1979).

Estudos etológicos fundamentaram e sustentaram a teoria da relação e da procura do vínculo em relação a uma figura cuidadora. Lorenz (1903 – 1989) estudou a cunhagem dos patos, ou seja, assim que o pato conseguia andar aproximava-se de qualquer estímulo em movimento e acompanhava-o, se este processo durasse dez minutos havia uma vinculação ao estímulo. Se, posteriormente, o pato bebe fosse separado entraria num estado de alguma agitação (Hess, 1959, 1973). Segundo Bowlby (1969; 1973), associando-se a uma teoria Darwinista da subsistência da espécie, por ordem de uma arbitrariedade natural que residia na lei da sobrevivência daria origem à evolução dos mais bem adaptados. É nesta dimensão que existe a analogia com o ser humano, ou seja, o bebé com a capacidade de atrair e manter a atenção da mãe apresentaria uma maior probabilidade de sobreviver em relação aquele que não tinha tamanha capacidade relacional (Bowlby, 1973).

A conceção do autor leva-o a concluir que teria que haver “permanência de objeto”, ou como Bowlby (1969) designou estabilidade do laço afetivo, que entende o vínculo primário que a criança cria com a figura cuidadora. Este laço torna-se importante mas não determinista, ou seja, a interação pode ser executada com outra figura (exemplo: Pai), esta relação pode ser alterada, reorganizada ou mesmo quebrada. As relações são assim

bidirecionais, enquadrando-se toda a panóplia de característica da criança e do cuidador que vão atingir diretamente a qualidade do vínculo (Belsky, 2003; Thompson, et al, 2003).

Existe alguma contestação no meio científico acerca de como se processa e avança a vinculação, num estudo que teve em conta a natureza da vinculação aos pares e aos progenitores concluiu-se que a identificação às figuras primárias estava dependente do padrão de vinculação dos jovens, reportando toda a dimensão da relação para uma vertente menos interativa e mais estanque (Freeman e Brown, 2011). Por outro lado, noutro estudo acerca das diferenças entre géneros na qualidade da vinculação e sua evolução na adolescência, notou-se que o género feminino em relação às suas mães e o género masculino em relação aos seus pais no que respeita ao desenvolvimento da relação de vinculação existia um declínio da qualidade (Buist, Dekovic, Meeus e Van Aken, 2002). Estes resultados levam-nos até à perspectiva de Paquete (2004) que refere haver um desenvolvimento da vinculação de um modo diferencial, uma aprimação ao género contrário, promovendo para uma teoria mais edipiana em que existe uma interpelação do inconsciente para ir de encontro ao outro do género oposto (Freud, 1922).

Neste sentido, é importante referir que a vinculação não é um processo paralisado, mas sim dinâmico e progressivo, que abrange o meio, a criança e as diferentes figuras de vinculação. Na infância o bebé tenta conservar a proximidade com a mãe de modo a alcançar uma base segura (Bowlby, 1969). Ao longo da sua vida, o seu estilo de vinculação é afetado pelos estadios de desenvolvimento inerentes, ou seja, existe a procura de uma proximidade segura com os seus pares, embora haja sempre a procura pela base segura junto dos cuidadores (Sroufe, Egeland, Carlson, e Collins, 2005). As figuras de vinculação primária, tornam-se principais para a organização interna da criança, a forma como irão perceber, introjetar e formar o seu modelo psíquico, o modo como se vão perceber dependerá em grande parte deste processo inicial da sua vida (Bowlby, 1973).

Segundo Ainsworth, et al. 1978 a partir do momento inicial em que a vinculação se dá, este vínculo fará com que a relação que se institui futuramente, seja de um cariz previsível, pois há a inclinação para a estabilidade de como o individuo se posiciona na relação ao longo do tempo, ou seja, existem igualmente diferenças individuais que vão afetar esta maneira de proceder (Machado, Soares e Silva, 1994, Pietromonaco, e Barret, 2000). Os comportamentos de vinculação segundo Bowlby (1969) e Cassidy (1999), podem ser organizados em três categorias comportamentais e afetivas: a procura pela proximidade, a

procura de uma base segura e a angústia de separação. Estas categorias permitem identificar o estilo de vinculação: segura, insegura, ansiosa/ambivalente e evitante.

Pode caracterizar-se a vinculação segura, como um estilo que contém suporte parental, com reforço positivo, estimulação da autonomia, comunicação e abertura à experiência, no que concerne à proximidade física, esta é fulcral para a compreensão deste estilo que é marcadamente suportado por indivíduos que ao longo do seu desenvolvimento conseguem estar longe a nível logístico sem angústia de maior. Os indivíduos que desenvolvem uma vinculação insegura de acordo com Machado et al, (1994) provêm de famílias em que a dinâmica se marca pela ambiguidade, comportamentos rejeitantes, pressões parentais distorcidas e falta de comunicação.

Os estudos de Ainsworth (1967, 1977, 1978) e seus colaboradores demonstraram através da “Situação Estranha” que haviam respostas diferentes em relação aos estilos anteriormente referidos, ou seja, as crianças com um padrão de vinculação evitante minimizavam as expressões emocionais negativas na presença da figura de vinculação (perspetivada como rejeitante), enquanto que as crianças com um estilo mais ansioso/ambivalente exponenciavam a expressão das emoções negativas e consequentemente exibiam comportamentos de vinculação, de forma a chamar a atenção das figuras parentais, as quais eram percecionadas como ambivalentes e inconstantes nas suas respostas. No lado oposto as crianças com um padrão de vinculação segura em ocasiões geradoras de algum desconforto emocional podem expressar esse mesmo mal-estar à figura de vinculação que lhes proporciona uma base segura de confiança que suporta comportamentos exploratórios (Ainsworth, et al., 1978).

O estudo de Ainsworth fundamentou que Bowlby tinha teorizado, que existiam diferenças entre os estilos e qualidade da vinculação com reflexo no comportamento das crianças. Assim, o papel da figura materna tornou-se ainda mais importante, acrescentando uma responsabilidade da mesma sobre os comportamentos da criança, o enfoque neste momento está sob a ação da figura materna na relação que estabelece com a sua criança (Machado et al, 1994).

Main (1985) impulsionou a reconstrução da teoria da vinculação como representação mental, filiando-se na teoria dos modelos internos dinâmicos, e entenderam que na Situação Estranha as diferenças de comportamento podiam ser observadas pelo comportamento não-verbal, embora exista uma relação com padrões de linguagem e pensamento. Este pensamento

leva-nos a Machado et al. (2004) que entende que os estilos de vinculação segura e insegura podem ser entendidos como tipos particulares de modelos internos dinâmicos, ou seja, existe um conjunto de fatores como sentimentos, comportamento, memória, atenção e cognição que influenciam diretamente a vinculação.

2.1. – Vinculação na Idade Adulta

A vinculação na idade Adulta não é uma tradução literal do é vivido na infância, ou seja, depois de muitas investigações concluiu-se que existem outros fatores aquando da vinculação a outras pessoas. É assim possível afirmar, que a qualidade que o sujeito emprega na vinculação será a integração das experiências significativas que teve durante a sua vida, isto catapultou-nos para pessoas com um estilo de vinculação insegura na infância, mas que durante o seu percurso foram tendo qualidade nas suas relações, e ao atingirem a idade adulta, ao serem avaliados apresentaram uma vinculação segura (Matos & Costa, 1996). Uma das hipóteses para esta questão, pode ser a estrutura de personalidade neurótica, no sentido Freudiano, com um mecanismo de defesa do ego que sublima, e que assim, reprime e recalca a dor e os efeitos negativos das relações, transformando-os em relações produtivas no futuro.

Esta teoria segundo alguns autores, não é possível comprovar empiricamente, ou seja, não podemos afirmar categoricamente que os padrões de vinculação são estáveis por períodos longos de tempos (Griffin & Bartolomew, 1994; Rothbard & Shaver, 1994). Assim sendo, a natureza e qualidade das relações que o indivíduo cria emocionalmente ao longo da sua infância e adolescência, vão afetar a qualidade de vinculação e a sua organização interna. Os estudos sobre este domínio são poucos devido às dificuldades metodológicas e ao tempo despendido derivado do facto de serem estudos longitudinais (Simpson, 1990; Kobak, 1994).

Segundo alguns autores, existe um processo de transferência no investimento na relação, ou seja, a criança à medida que cresce vai transferindo o investimento na relação para os seus pares, renunciando assim a sua relação primária com os cuidadores, este processo acontece na adolescência e elucida muitos comportamentos de oposição dos adolescentes em relação aos adultos, como as figuras de autoridade ou parentais, esta dinâmica ameniza-se por volta da idade adulta em que o investimento deixa de estar nos pares mas nas relações amorosas (Weiss, 1991; Hazan e Shaver, 1994). Neste processo de investimento e desinvestimento emocional, no mar agitado de relações existe um fator que o adolescente/jovem adulto procura, é a autonomia e independência e esta procura complexifica a representação relacional do jovem (Weiss, 1991).

A adolescência, pode reafirmar-se um dilema que o jovem enfrenta, a separação psicológica dos cuidadores e a aproximação de um novo ser psicológico que procura ainda uma base de confiança para explorar o mundo (Matos & Costa, 1996). O dilema apresentado e as conseqüentes transformações, não podem ser vistas como desvinculativas, nem negligenciadas por ambas as partes, ou seja, os cuidadores deverão aceitar o processo de crescimento e autonomização dos seus cuidandos, enquanto os mais jovens deverão reformular o seu processo interno no período de desenvolvimento, sendo que vinculação e autonomia não são dois caminhos diferentes, mas sim complementares e interdependentes. (Grotevant & Cooper, 1986; Hill & Holmbeck, 1986; Soares & Campos, 1988).

O movimento referido anteriormente de distanciamento das figuras de vinculação primárias e aproximação dos pares que tem o seu apogeu na adolescência não resulta de uma substituição mas sim de uma transformação complementar e essencial (Matos e Costa, 1996).

A mudança de estabelecimento de ensino numa primeira fase, posteriormente a mudança de entidade empregadora estimulam o sujeito para uma organização da vinculação. A ansiedade ou angústia de novos desafios levam o sujeito a ativar o seu sistema de vinculação (Kenny e Rice, 1995; Waters et al, 2000). Os momentos de mudança transformam-se assim em situações pródigas para o sujeito testar esquema mentais e representações mais arcaicas de vinculação, a qual pode consolidar alguma crença ou comportamento e até realizar o inverso, ou seja, a situação pode trazer a necessidade de o sujeito reformular a sua representação de vinculação, sendo que a fonte de segurança primária está distante podendo existir espaço para uma ameaça do sistema pessoal do indivíduo que depara-se com um momento de desenvolvimento da auto – regulação emocional (Sroufe, Carlson & Shulman, 1993; Thompson et al.,2003).

Segundo Waters, Hamilton e Weinfeld (2000) concluem que existe uma continuidade da vinculação da infância à adolescência, embora não seja claro a importância de outros fatores para essa mesma estabilidade, a disrupção do desenvolvimento emocional parece ser explicada por acontecimentos de vida negativos.

2.2. – A Vinculação como Suporte da Personalidade

As relações interpessoais são constituintes da base da personalidade (Sullivan, 1953). Para Winnicott (2002) que se interessou por este tema da vinculação ao longo dos seus estudos, concluiu que a tendência antissocial está intimamente ligada à privação na infância, ou seja, o percurso desenvolvimental que a criança percorre liga-se à qualidade da relação de

vinculação estabelecida, primeiramente com a mãe/cuidadora e posteriormente com as figuras significativas. Estudos que ligam a variável personalidade à vinculação avaliam os seguintes domínios: Autoestima (Lemery, Golsmith, Klinnert & Mrazek 1999; Newman, Capsi, Moffitt & Silva 1997), relacionamento interpessoal, adequação social, psicopatologia e sentimentos depressivos (Berry & Everett, 2001; Carnelley, Pietromonaco & Jaffe, 1994; Crowell & Treboux, 1995; La Guardia, Ryan, Couchman & Deci, 2000; Overbeek, Vollebergh, Engels & Meeus, 2003). Segundo Sprinthal e Collins (1994) a autoconfiança, autocontrolo, a curiosidade e satisfação eram características presentes nas crianças com um estilo parental mais democrático que segundo os autores favorecem a responsabilidade e internalização de normas.

No mesmo estudo, concluíram que crianças pertencentes a famílias autoritárias eram submissas e dependentes, pouco responsáveis e sem objetivos definidos. Num estilo parental mais permissivo, as crianças apresentavam altos índices de autoconfiança e independentes, apresentando igualmente uma menor responsabilidade social e menor orientação para o objetivo.

2.3. – Vinculação e Comportamentos Aditivos

A aproximação da vinculação como matriz não determinista, mas potencialmente elucidativa do fenómeno da adição é essencialmente de cariz analítico, ou seja, alguma responsabilidade do consumo, pode estar relacionado com a ausência do pai ou com uma mãe superpotera (fálica, que detém o poder) são acontecimentos que influenciam os processos psicodinâmicos do indivíduo. Os pilares que sustentam a estrutura de personalidade, terão a contribuição de uma relação objetal inicial que dará origem a certa dimensão da relação objetal do sujeito adito (Agra & Fernandes, 1994).

Num estudo de Apóstolo (1999), que comparou a vinculação da população não consumidora de heroína e a população consumidora de heroína chegaram à conclusão que: os consumidores de heroína são mais ansiosos no relacionamento íntimo, mais ansiosos e evitantes e menos seguros no relacionamento interpessoal e apresentam níveis de bem-estar psicológico mais baixos relativamente aos que não consomem. A natureza e a qualidade da vinculação na infância são importantes no desenvolvimento do relacionamento posterior e proporcionam, ao longo do ciclo da vida do indivíduo, capacidades de adaptação refletidas na qualidade do relacionamento com os outros e consigo mesmo e fonte de felicidade e de bem-estar. Mas devem também ser considerados os contextos de vinculação do jovem e do adulto

importante para as reorganizações pessoais, pelo que a associação aqui verificada entre a adição, os aspetos relacionais e as alterações a nível do bem-estar podem decorrer de contextos e acontecimentos da vida adulta (Apóstolo, 1999).

Segundo Ferros (2006), vários estudos, nomeadamente Lichtenberg (1998); Hesse e Main (1995) e Mikulincer & Florian (1998), sugerem que os relacionamentos disruptivos com figuras de vinculação na infância têm, mais tarde, um papel negativo no desenvolvimento da personalidade e promovem, potencialmente, o aparecimento de psicopatologias graves no adulto.

Várias investigações sugerem que o padrão de vinculação inseguro, está associado a uma regulação afetiva pouco eficaz, que conduz a comportamentos mal adaptativos na idade adulta (Caspers et al 2005).

Um estudo de Meyers & Vetere (2002), onde são relacionadas medidas de saúde a padrões de vinculação, indicou que os sintomas psicológicos encontram-se associados a sujeitos ansiosos/ambivalentes.

Todos os fatores acima descritos, levam a supor que existe um risco acrescido nos indivíduos com padrões de vinculação não seguros, recorrerem a substâncias para aliviar o desconforto emocional.

Bowlby & Perris (1994,1998) referem que uma vinculação disfuncional, assim como, relações de vinculação disfuncionais levam a algumas disfunções desenvolvimentais e contribuem para a vulnerabilidade psicológica do indivíduo.

Cooper, Shaver & Collins (1998) mostram que os toxicodependentes com maior gravidade, apresentam padrões de vinculação evitante. Estes autores acreditam que a relação entre os dois conceitos, pode ser ainda mais significativa, porém, tal não foi comprovado atendendo ao enviesamento das escalas de autopreenchimento, pois os indivíduos com padrões evitantes terão a tendência de subvalorizar os seus sintomas e os preocupados de os sobrevalorizar.

Teichman & Bash (1996) descrevem o funcionamento das famílias destes indivíduos, como tendo um desligamento caótico, ou um grande enredamento e padrão rígido de comportamento muitas vezes associadas a famílias abusadores.

Num estudo de Torres, Sanches & Neto (2004) que relaciona experiências de vidas traumáticas na infância e adolescência, vinculação e parceiros românticos e adição a drogas ilegais, concluiu-se que o grupo de toxicodependentes tem níveis superiores de ansiedade de

abandono e mais evitamento nas relações próximas e, conseqüentemente, uma maior percentagem de estilos de vinculação inseguros nas suas relações próximas, do que um grupo de controlo de estudantes universitários.

O estudo da vinculação relacionado com a toxicodependência, ainda se encontra num período embrionário, dada a escassez dos estudos; contudo, os resultados sugerem fortemente que as relações de vinculação com parceiros de intimidade em indivíduos toxicodependentes, se caracterizam predominantemente por uma natureza insegura evitante (cit in Frank, 2001) ou insegura preocupada/ambivalente (cit in Sicher, 1998; Torres, 2004).

Capítulo 3 – Personalidade

3. – Definição de Personalidade

Personalidade etimologicamente advém do latim *personare* ou *persona* que significa ressoar, máscara que os antigos Gregos utilizavam nos anfiteatros onde elaboravam peças que levavam o público a uma catarse emocional através de um processo de identificação ao qual apelidaram de verossímil, ou seja, consistia na capacidade de aliar a fixação a uma realidade conhecida pelos espectadores que assistiam à peça (Hansenne, 2004).

3.1. – Teoria dos Traços de Personalidade de Allport

Segundo Allport, “a personalidade é a organização dinâmica dentro da pessoa dos sistemas psicofísicos que determinam o comportamento e o pensamento característicos” (no seu livro *Pattern and growth in personality*, 1957). Este autor defende que existe uma componente hereditária e ambiental importante no processo de envolvimento e formação da personalidade, isto é, o dinamismo que a componente genética estabelece com o fator situacional ou ambiental vai determinar o *continuum* da personalidade.

Para Allport não existe uma construção continuada da personalidade, ou seja, o comportamento infantil é orientado pelas necessidades e os reflexos biológicos primitivos, enquanto o funcionamento adulto é mais psicológico. Os traços de personalidade para Allport são pré disposições genéticas que perante determinados estímulos reagem da sua forma específica, o autor refere que este mecanismo está antes de qualquer constructo ou pensamento da pessoa. Estes traços podem ser observados empiricamente, visualizando o comportamento ao longo do tempo e consoante o tipo de respostas a diversos estímulos encontrar-se-á um padrão comportamental.

Segundo Winter, (1993) uma das técnicas que Allport utilizou para identificar os traços de personalidade, denominava-se de técnica do documento pessoal, esta técnica tinha como procedimento a análise de cartas pessoais escritas pela pessoa como por exemplo, autobiografias, composições literárias e outros registos de índole pessoal, o caso mais mediático de Allport foi o caso Jenny, que envolveu a análise de mais de 300 cartas.

Um grupo de investigadores conseguiu identificar cerca de 200 traços, mas Allport reduziu para 8 grandes categorias devido à maior parte serem sinónimos. Segundo Paige, 1966 as cartas que faziam referência a termos violentos eram codificadas por um traço mais agressivo, esta análise começou a ser feita através do computador. Allport, Vernon e Lindzey, 1960 vão criar mais tarde, uma outra análise mais específica dos traços de personalidade, os

autores defendem que existem valores que regiam o comportamento das pessoas e graus nesses valores que determinavam muito do que poderia se chamar de personalidade.

Os autores identificaram seis valores: Valores teóricos que correspondem a uma vontade de descobrir a realidade de uma forma mais empírica, teórica e racional, Valores económicos que se referem à parte monetária e ao aspeto mais economicista da vida, Valores estéticos que estão envolvidos numa vertente mais artística, Valores sociais que refletem as relações humanas, sentimentos e emoções inerentes, Valores políticos que se afiliam ao poder, influência e poder, Valores religiosos que dizem respeito à metafísica e transcendência do ser humano. O estudo dos traços deram origem a um panóplia de estudos acerca da personalidade com base na aparência (Berry & Wero, 1993). Inspirando a pesquisa atual da identificação da personalidade por expressões faciais (Ekman, Matsumoto & Friesen, 1997). Estes estudos mostraram que o traço neurótico está associado a expressões de raiva, medo e nojo, enquanto o extrovertido demonstra alegria e sorrisos e pessoas com traço mais vincado a nível de conscienciosidade demonstraram expressão de embaraço e vergonha (Keltner, 1997).

3.2. – Teoria Multifatorial da Personalidade

Segundo Cattell, 1966, a personalidade é determinada por traços como tendências intrínsecas ao sujeito para reagir a determinadas situações, estes traços são permanente ao longo do tempo, estruturando e fundamentando a personalidade. Os traços são os seguintes: Traços comuns, são traços que geralmente todas as pessoas possuem; traços singulares, são aqueles que poucas pessoas têm; traços de habilidade, são aqueles que determinam a capacidade do sujeito de perseguir um determinado objetivo; traço de temperamento, é aquele que diz respeito à forma como o indivíduo interage face à realidade; traços dinâmicos, caracterizam as motivações e interesses do sujeito; traços superficiais, estes por seu turno são um constituinte de vários outros traços embora não constituam um traço na sua génese, são traços que podem ser máscaras; traços originais, são determinados por uma análise fatorial e são os traços permanentes e estáveis ao longo do tempo; traços constitucionais, remetem-se para as características fisiológicas de cada sujeito. O grande êxito de Cattell foi a elaboração do teste de personalidade 16 PF que se baseia em 16 traços originais mais importantes, o teste é para adultos (mais de 16 anos).

Segundo Wilson, Ausman e Mathews, 1973, Cattell tentou abdicar da subjetividade em virtude do que lhe parecia mais objectivo. Neste sentido e impelido pela investigação vigente na altura Eysenck, 1990 em três momentos compila os traços de personalidade em três

“super fatores”, são eles: E – Extroversão versus introversão, N – Neuroticismo versus estabilidade emocional, P – Psicoticismo versus controlo dos impulsos (ou estrutura com funcionamento semelhante ao superego). Segundo Eysenk, 1997 o fator E é fundamentado nos estudos de Jung (anteriormente referido) e em filósofos Gregos, que visavam compreender o comportamento no seu étimo mais básico.

Quanto à dimensão P o autor concluiu embora com pouco suporte teórico e empírico que a elevada pontuação nesta dimensão pode estar associado a hormonas masculinas como é o caso da testosterona e a ação de índole criminal (Eysenk e Gudjonsson, 1989). Em relação à dimensão N, está é descrita como descrevendo os sujeitos com tendência à ansiedade, depressão, tensos e irracionais. Segundo Eysenk 1985, nos neuróticos o sistema nervoso simpático reage de uma maneira efetiva provocando hipersensibilidade, esta característica é remetida para uma componente mais genética e hereditária do comportamento.

3.3. – Teoria dos Cinco Fatores da Personalidade

Nesta linha de pensamento, surge a investigação da personalidade pela análise fatorial de McCrae e Costa, 1985, 1987, esta tinha como fio condutor a perspetiva de que Eysenck continha pouquíssimas dimensões ao invés de Cattell que tinha demasiadas. Neste sentido continuaram a investigação criando o modelo dos cinco fatores (Neuroticismo, Extroversão, Franqueza, Amabilidade, Conscienciosidade). Esta teoria foi explorada por diversos investigadores, os quais, desenvolveram uma lista de adjetivos que estavam diretamente ligados com estas dimensões e os participantes ao longo da prova iriam preenchendo conforme os adjetivos que melhor os descreve-se (Goldberg, 1992; Saucier, 1994). Logo depois houve a necessidade de objetivar a prova, para isto acontecer houve o recurso a uma entrevista estruturada com 120 itens que visavam mensurar os traços de personalidade (Trull et al. 1998). Estas cinco dimensões inspiraram igualmente na elaboração do Big Five Inventory (descrito na descrição da escala).

3.4.- Estudos realizados com o Modelo dos Cinco Fatores

Estudo longitudinais realizados durante 6 anos demonstraram consistência e estabilidade entre dimensões (Costa & McCrae, 1988). Num estudo realizado na Finlândia com 15 mil gémeos, com idades compreendidas entre os 18 e os 59, verificou-se que, tanto a extroversão como o neuroticismo em homens e mulheres tendia a um alto grau de estabilidade (Viken, Rose, Kaprio & Koskenvuo, 1994). Segundo um estudo de Carmichael e McGue, (1994) em que estudaram 121 homens e mulheres norte americanos durante 19 anos, desde a

adolescência até à idade adulta, verificaram que a estabilidade tanto em neuroticismo como extroversão era modesta embora estatisticamente significativa. Concluiu-se que as doenças físicas e angústia psicológica estavam associadas a resultados elevados na dimensão de neuroticismo (Larsen & Kasimatis, 1991; Ormel & Wohlfarth, 1991).

Num outro estudo verificou-se que adultos com baixo score em neuroticismo e alto em extroversão e consciência apresentam igualmente vitalidade subjetiva, ou seja, os autores descreveram como entusiasmo e vivacidade (Ryan & Frederick, 1997). Segundo Goldberg (1990), as pessoas com pontuações altas na dimensão da conscienciosidade tendem a ser honestas, responsáveis, eficientes e de confiança, obtém igualmente melhores resultados escolares do que a população com baixa pontuação nesta dimensão. Nesta linha de investigação acerca desta dimensão chegou-se à conclusão através de estudos longitudinais que pessoas com alto grau de conscienciosidade viviam mais tempo (Booth-Kewley & Vickers, 1994; Friedman et al., 1993, 1995; Marshall et al., 1994).

Num estudo feito com população com adições, verificou-se que 60% dos sujeitos evidenciou um grau de Neuroticismo muito elevado. A Ansiedade nesta mesma dimensão apresentou valores elevados apenas para 22,6% dos participantes. O fator que desencadeou o elevado grau de Neuroticismo foi a dimensão da Hostilidade onde 90,5% dos sujeitos apresentaram resultados elevados, embora a faceta da Depressão também contivesse um score elevado em mais de 60% dos participantes do estudo. Quanto à Conscienciosidade a pontuação foi baixa, apresentando assim, 94,4% da população sujeita ao estudo um grau muito elevado de Impulsividade. A Vulnerabilidade segundo Costa e MacCrae (2000) como sendo a incapacidade de lidar com o *stress*, demonstrou pontuação alta em 83,1% da amostra.

A Extroversão no mesmo estudo com população adita apresentou-se baixa, com mais de 60% a demonstrar um score baixo, que revela pouco investimento nos outros e pouco contacto social. A Aberta à experiência revelou-se baixa, 64% da amostra, ou seja, segundo Costa e McCrae (2000) esta faceta relaciona-se com a vontade e o interesse que a pessoa demonstra para manter compromissos de ordem relacional e ocupacional como são ocupações de índole laboral e ocupacional.

A Fantasia revelou uma pontuação alta em 62% dos sujeitos, revelando assim a elaboração de fantasias que segundo Manita (1998) corresponde à presença de uma tendência para a fuga à realidade. A Abertura à Experiência, correlacionada com o desempenho na escola e sua consequente longevidade no sistema de ensino (Costa & McCrae, 2000) mostrou

resultados baixos, revelando o pouco grau de escolaridade dos sujeitos da amostra. Neste estudo as amplitudes mais baixas foram as dimensões da Amabilidade com 86,8% da população e da Conscienciosidade com 77,4% da amostra, o que revela à luz dos autores um funcionamento cético, calculista, manipulador, narcisistas e arrogantes, tratando-se de sujeitos centrados em si próprios, egocentrismo (Costa & McCrae, 2000).

3.5. – Personalidade e Comportamentos aditivos

O conceito de personalidade enquanto fator explicativo nas adições a substâncias pode adotar diversas compreensões, embora seja difícil compara-las, pois o significado concedido ao termo personalidade alcança interpretações diversas (Janeiro & Metelo, 2004).

Rosa (1988) defende que os fatores de personalidade antecedem e concorrem para o uso de substâncias e suas consequências, embora não sejam por si só um fator explicativo, uma vez que interagem com os fatores psicológicos ambientais e socio culturais. Vários estudos (Goncalves & Rodrigues, 1997; Miller & Rollnick, 1999; Neto & Torres, 2001; Páges-Berthier, 2002; Fabião, 2002) indicam que não existe um padrão de personalidade característico dos toxicodependentes. Contudo, segundo Neto e Torres (2001) é possível encontrar combinadas, de um modo variável, características neuróticas, antissociais, alexitímicas e défices afetivos associados a uma educação permissiva, nesta população.

Por sua vez, de acordo com Páges-Berthier (2002), observam-se na prática clínica algumas características como por exemplo a depressibilidade do humor, falhas ao nível da estruturação da identificação e tendência para a passagem ao ato.

Levelle, Hammersley e Forsyth (1991) realizaram um estudo comparativo entre três grupos: Toxicodependentes em tratamento; jovens residentes em uma comunidade sem-abrigo e estudantes. Este estudo teve como objetivo discriminar os fatores de personalidade que dependem de variáveis como a institucionalização, as características sociodemográficas, do consumo de drogas ou do seu tratamento, e chegaram à conclusão que os toxicodependentes em tratamento apresentam maior tendência para procurar estímulos ou experiências de excitação, eram mais ansiosos e eram mais perspicazes em relação à forma de estar no espaço urbano, sendo estas características quer função do tratamento, quer do uso de drogas.

Levelle, Hammersley e Forsyth (1991) Os mesmos autores referem que associado ao consumo de drogas estão associados dois distintos perfis de personalidade, sendo o primeiro o neuroticismo, que envolve depressão, baixa autoestima, *locus* de controlo externo, ansiedade, tal como, outras variáveis que contribuem para o sentimento de infelicidade e de Auto

desvalorização, e o segundo o perfil antissocial que inclui características como ausência de adesão às regras e instituições convencionais, passagem ao ato, hostilidade, violação dos direitos dos outros e história de delinquência.

O consumo e a dependência de substâncias surge, de acordo com Murphy e Khantzian (1995), quando o consumidor perceber que os efeitos das mesmas podem ser utilizados para lidar com sentimentos perturbadores que derivam de um ego frágil e de uma *self* vulnerável. Deste modo, a dependência é concebida como uma desordem de auto regulação que envolve a gestão dos afetos, a auto estima, as relações e a capacidade de cuidar de si mesmo, através do qual o individuo aprende a lidar com as suas fragilidades (Janeiro & Metelo, 2004).

Capítulo 4 – Procura de Sensações

4. – Definição de Procura de Sensações

Alguns traços de personalidade tem sido objeto de inúmeros estudos e dentro desses traços, existe o traço de procura de sensações. Este traço foi originalmente referido como “sensation seeking”, tendo sido definido por Zuckerman (1990) como um traço que representa a necessidade de procura de sensações intensas, novas, variadas e complexas, relacionada à disposição para atingir riscos físicos e sociais.

Para Arnett (1996), o traço de procura de sensações é um traço de personalidade determinado pela extensão da vontade de uma pessoa para a inovação e da intensidade de estimulação sensorial. Foi a partir dos trabalhos sobre reações perante situações de privação de estímulos, que Zuckerman (1979) presumiu a existência de uma variável de personalidade que faz menção à necessidade de experiências e sensações novas e variadas, bom como à disposição para adotar riscos físicos e sociais de forma a ser possível alcançar tais experiências novas.

Em 1994, Zuckerman (1994) definiu o traço como “procura de sensações e experiências novas, variadas, complexas e intensas e pela vontade de assumir riscos físicos, sociais, legais e financeiros para poder ter essa experiência”, sendo constituído por quatro dimensões: Procura de Emoção e Aventura (PEA), Procura de Experiências (PE), Desinibição (DIS) e Intolerância ao Aborrecimento (IA). A Procura de Emoção e Aventura expressa o desejo de participar em desportos ou outras atividades físicas de risco que desencadeiam sensações incomuns de velocidade ou de desafio da gravidade (e.g., para-quedismo, mergulho, alpinismo). A Procura de Experiências descreve a procura de sensações e experiências novas através da mente e dos sentidos, atividade intelectual ou sensorialmente estimulante (e.g., música, arte, viagens) ou através de atividades sociais não-conformistas como a associação a grupos postos de parte pela sociedade convencional (e.g., artistas, hippies, homossexuais). O fator Desinibição descreve a preferência por atividades que promovam a socialização (e.g., festas, consumo de álcool e outras substâncias, variedade de parceiros sexuais). Por último, o fator Intolerância ao Aborrecimento que se refere à intolerância a experiências repetitivas ou rotineiras e à monotonia.

Na origem dos comportamentos de procura de sensações podem estar estados de excitação psicofisiológica excessivamente baixos, que resultam da exposição a ambientes invariantes ou monótonos e que levam a pessoa à busca de estimulação mais intensa, ou

estados de exagerada estimulação que levam a tentativas de redução do nível de excitação (Zuckerman, 1994).

Assim, os indivíduos com valores elevados de procura de sensações teriam tendência para escolher comportamentos que aumentassem a quantidade de estimulação. Desta forma, os sujeitos com valores mais altos do traço de procura de sensações tendem a uma maior procura de situações novas e de experiências intensas, aceitando a incerteza e o risco e, antevendo uma maior satisfação neste tipo de situações (Zuckerman, 1994). Mas este construto não é tido apenas como uma necessidade individual de experimentar situações de risco e experiências novas, mas também está inserido na própria socialização que vem sendo avaliada enfaticamente nos últimos anos, como condição essencial da construção da realidade social (Formiga, Aguiar & Omar, 2008). O traço de procura de sensações implica uma abertura para a experiência, e os indivíduos que obtêm resultados altos no traço têm inclinação para vivenciar e experienciar de uma forma ativa e intensa a complexidade dos estímulos (Oliveira, 2008).

Para Bratko e Butkovic (2003) este traço pode ser associado a determinados comportamentos de risco, tais como o comportamento sexual, abuso de álcool, jogo, consumo de droga e na prática de desportos radicais. Ainda segundo estes autores, 58% da percentagem do traço de busca de sensações é hereditário, sendo que os outros 42% seriam derivados de outros fatores externos. Este traço também foi associado à condução a altas velocidades (Homant, Kennedy & Howton, 1994; Jonah, Thiessen & Au-Yeung, 2001), sendo relacionado com jovens que procuram altos níveis de estimulação, existindo assim uma correlação positiva significativa entre o traço de procura de sensações e a atitude mediante a velocidade (Whissell & Bigelow, 2003). O mesmo foi encontrado por Haynes, Miles e Clements (2000), ao verificarem que o traço procura de sensações estaria relacionado com o nível ótimo de estimulação e com o nível ideal de excitação.

Outro autor (Arnett, 1996), refere que a procura de sensações está mais presente na adolescência do que na idade adulta e que isso poderia explicar o desenvolvimento de uma conduta sem preocupações e sem avaliar as consequências dos atos, justificando assim, alguns comportamentos típicos dos jovens e da própria adolescência. Este tipo de comportamento imaturo não seria hereditário, sendo apenas predisposições para a procura de sensações e para a manifestação de comportamentos agressivos que se vêem nos adolescentes.

A procura de sensações, também está relacionada com atividades tentadoras, estimulantes, de aventura e com desportos de risco (Zuckerman & Kuhlman, 2000). Neste tipo de atividades, os sujeitos apresentam um tipo de comportamento onde evidenciam características impulsivas ou descontroladas (Aluja, Garcia & Garcia, 2003; Knust & Stewart, 2002). Estando relacionada com este tipo de características, para Glicksohn e Abulafia (1998), a procura de sensações deveria ser dividida em impulsividade controlada e impulsividade sem orientação ou descontrolada. Rosenbloom (2006) estudou o comportamento dos peões, e verificou que os peões que atravessam as ruas com o sinal vermelho possuem significativamente maior presença do traço global e da dimensão procura de emoção e aventura, quando comparados com peões que cumprem a sinalética luminosa.

4.1. Procura de Sensações

Um dos traços de personalidade que também tem sido amplamente estudado é a Procura de Sensações, principalmente por um autor de nome Zuckerman, que há décadas tenta analisar e melhorar a sua teoria sobre este traço, que surgiu devido às investigações sobre o nível ótimo de ativação (arousal) e que, desde então, estimulou o aparecimento de muitas pesquisas (Romero, Sobral & Luengo, 1999; Zuckerman, 1971; Zuckerman, Kolin, Price & Zoob, 1964; Zuckerman & Link, 1968).

Zuckerman explicou que utilizou a palavra “procura” porque esta implica uma postura ativa por parte do sujeito, assim, perante situações pobres em estímulos, o indivíduo tende a criar ou a aceder a fontes de experiência que aliviem a sua inconformidade. Utiliza ainda a palavra “sensações” (e não estimulação) porque o que resulta realmente como recompensa para estes indivíduos é a experiência interna derivada dos estímulos externos. Exemplificou esta perspetiva com o seguinte: um sujeito viciado em televisão encontra nesta muita estimulação, no entanto não obtém sensações intensas que sejam novidade; e, pelo contrário, as drogas oferecem uma escassa estimulação exterior mas podem gerar sensações invulgares e complexas (Romero, Sobral & Luengo, 1999)

Zuckerman (2003) afirmou que a abertura à experiência emergia como o fator que se correlacionava mais expressivamente com a dimensão Procura de Sensações. Para ele, o “sensation seeker” parecia ser motivado pelo prazer intrínseco derivado das sensações e atividades. Para indivíduos com baixos níveis de Procura de Sensações, as experiências passivas podem proporcionar-lhes o nível de estimulação que desejam, ao passo que a experiência real poderia exceder os seus níveis de estimulação, raiando o incómodo.

Já a impulsividade, embora não equivalente à Procura de Sensações, é um traço altamente correlacionado com este, nomeadamente nos aspetos que se referem ao não planeamento e à assunção de riscos. Deste modo, os “sensation seekers”, não sendo mais vulneráveis a doenças psicofisiológicas, tendem a envolver-se mais em atividades pouco salutareas, conducentes a desordens como consumo de tabaco, bebidas alcoólicas e uso de estupefacientes (Zuckerman, 1971).

Segundo Zuckerman (1971), os indivíduos que apresentam o traço de Procura de Sensações saliente teriam tendência para a assunção de comportamentos que aumentassem a quantidade de estimulação que experienciam. Para satisfazerem essa necessidade de estimulação intensa, os indivíduos adotam determinados comportamentos que estão associados, por exemplo, a preferências profissionais (nomeadamente atividades financeiras), a prática de desportos de risco, a consumos de álcool ou estupefacientes, a condução perigosa, ao jogo, a atividade sexual de risco, em suma, a tudo o que provoque sensações originais e novas experiências. Este traço é apontado como uma característica do adolescente, estando, a maior parte das vezes, relacionado com comportamentos de risco.

Dentro de algumas características comuns às pessoas que procuram sensações muito intensas, estão as atitudes positivas em relação à emoção ou alegria e expressões mais desinibidas. Assim, espera-se que a Procura de Sensações prediga uma abertura à mudança, uma atitude recetiva relativamente a novas experiências e a habilidade para tolerar sensações e ideias que são, normalmente, estranhas para a maioria das pessoas.

Assim, estes sujeitos são também considerados como mais sociáveis, impetuosos, assertivos, atrevidos e demonstram menos medo (Vasconcelos et al., 2008). Contudo, a Procura de Sensações é também um mediador de *stress*, sendo um traço “normal”, ou seja, não revelador de funcionamento intrinsecamente psicopatológicos ou mesmo antissociais. Assim, os indivíduos com altos níveis de Procura de Sensações nem sempre são desajustados ou apresentam um funcionamento errado (Zuckerman, 1971), apesar de, por serem excitáveis e mais ativos, terem tendência para apresentar comportamentos antissociais (Zuckerman & Link, 1968).

Apesar de tudo isto, é um traço expresso em termos de comportamento de exploração que implica um aumento da estimulação, tendo sido profundamente estudado na vertente da delinquência e do abuso de substâncias, bem como na investigação sobre a prevenção de comportamentos de risco para a saúde. É também alvo de investigações em diversas

profissões, pois alguns autores defendem a existência de correlações elevadas entre a Procura de Sensações e certas profissões, tais como bombeiro, controlador aéreo e polícia.

Não obstante, este constructo não é tido apenas como uma necessidade individual de experimentar situações de risco, mas estaria inserido no processo de socialização, que vem sendo estudada sistematicamente nos últimos anos, como condição essencial da construção da realidade social. Esta dimensão da personalidade pretende compreender o comportamento juvenil, principalmente aquele que caracteriza as transgressões de normas sociais, como as variações do comportamento de risco a partir da importância que o jovem dá à procura de novas experiências e emoções intensas (Formiga, Aguiar & Omar, 2008).

Para analisar este traço de personalidade, Zuckerman desenvolveu a Sensation Seeking Scale, cuja primeira versão surgiu com o intuito de medir o traço de personalidade que representava diretamente a procura de estimulação e/ou excitação. Esta foi desenvolvida para prever reações individuais de privação sensorial, mas, na década de 70, a escala começou a ser usada para outras áreas, como experiência sexual, uso de drogas, voluntariado para experiências ou situações incomuns e situações arriscadas em geral (Zuckerman, 1971; 1987).

A primeira teoria foi orientada para a explicação das reações a situações de privação e sobre estimulação sensorial. Assim, a primeira hipótese com uma base biológica foi muito ampla, sugerindo um fator constitucional do Sistema Nervoso Central e uma reação do Sistema Nervoso Autónomo, como resposta a aspetos específicos de estimulação (intensidade, novidade, complexidade e associações emocionais). Mais tarde, a teoria centrou-se na resposta do Sistema Reticulo cortical e dos seus pontos principais necessários para atingir a estimulação e a inibição. Finalmente, a teoria sofreu alterações incidindo numa base bioquímica, devido à constatação da influência do Sistema Límbico e suas interações.

Depois de abandonar a teoria de nível ótimo de estimulação baseada no Sistema Reticulo cortical, uma nova teoria de nível ótimo foi formulada, baseada na atividade do Sistema das Catecolaminas, que estão relacionadas com a recompensa intrínseca. Segundo esta, estímulos novos e intensos estimulam o Sistema Noradrenérgico no cerúleo que, por sua vez, ativa o Córtex através do Sistema Difuso de Projeção. A estimulação do Córtex, contudo, é vista agora, não como a base, mas sim como um efeito secundário da motivação para a estimulação hedónica, ou seja, age-se de forma a evitar o que é desagradável e procurar apenas o agradável. Está ainda implícito na teoria uma interação desta dimensão da personalidade com a intensidade e novidade da estimulação (Zuckerman, 1987).

Segundo Zuckerman, os sujeitos com pontuações mais altas demonstravam, em situações de privação sensorial, menos tolerância, maior agitação motora e um abandono mais rápido da tarefa, mas não só, acrescentando depois que a Procura de Sensações constituía uma dimensão da personalidade preditiva de uma grande variedade de tendências comportamentais (Romero, Sobral & Luengo, 1999).

A adoção de comportamentos de risco está dependente do estado motivacional e emocional no momento da decisão. Litman e Spielberger (2003, cit. in Melo, 2009) constatarem que a curiosidade está direta e significativamente relacionada com a Procura de Aventura e Emoção e Procura de Experiência, bem como inversamente relacionada com a ansiedade.

Não obstante, Arnett (1994), a partir da perspetiva de Zuckerman, bem como, fazendo referência a alguns limites tanto na conceção do constructo, como na instrumentalização e seleção de itens, propôs um modelo alternativo, o qual defende que a Procura de Sensações varia em intensidade e novidade (não apenas em termos de complexidade como concebia Zuckerman), e que esse traço de personalidade pode ser enfatizado no processo de socialização, sendo capaz de modificar predisposições biológicas. Para além disso, o autor defende que a Procura de Sensações desenvolve-se a partir do interesse por experiências novas e intensas, e não, necessariamente, pelo interesse em correr riscos (Formiga, Aguiar & Omar, 2008).

4.2 -Personalidade, Procura de Sensações e Comportamentos Aditivos

Pode-se afirmar que os jovens e adolescentes parecem ser naturalmente mais suscetíveis a transgredir normas e regras sociais, pois nesta fase de desenvolvimento são, provavelmente, mais causadores ou vítimas de violência interpessoal, em comparação com indivíduos adultos (Vasconcelos et al., 2008).

Os jovens violadores de normas e leis caracterizam-se por apresentar uma personalidade que dá prioridade a valores que vão contra as normas sociais e a orientação cultural (Formiga & Gouveia, 2005). É importante ainda expor, que a análise deste tipo de comportamentos, ditos socialmente indesejáveis, está relacionada com três elementos indissociáveis: o comportamento em si, o indivíduo que o adota e o ambiente sociocultural que o rodeia, pois, como já foi referido, nem tudo o que é antissocial numa sociedade e contexto histórico, será noutros (Vasconcelos et al., 2008). Assim, as condutas, apesar de serem dinâmicas e funcionais, podendo ser compreendidas em função do contexto em que

ocorrem, geralmente são consideradas como expressões da personalidade dos indivíduos, podendo ser explicadas em termos de traços de personalidade.

Para Eysenck e Zuckerman (1978), tal como para Zuckerman e Link (1968) e Zuckerman (1971), a Extraversão estaria relacionada com o traço “Procura de Sensações” uma vez que este traço poderia ser explicado através de fatores bioquímicos, que determinam a forma como o cérebro reage à estimulação do ambiente, possuindo associações firmes e consistentes com a idade, género e até perturbações psicológicas.

Eysenck (1957, 1967), sustenta que os Extravertidos, por necessitarem de elevados níveis de estimulação, que não é usualmente proporcionada por rotinas ambientais, tendem a ser os que mais procuram sensações. Já os Introvertidos inclinam-se para a redução de sensações, pelo que Farley (1967, cit. in Zuckerman & Link, 1968) constatou que aqueles que possuem um baixo nível de Procura de Sensações tendem a evitar a excitação excessiva, para assim reduzirem ou manterem um nível ótimo de funcionamento efetivo.

Já a Procura de Sensações possui ainda uma correlação positiva com o Psicoticismo (Eysenck & Zuckerman, 1978) com a Impulsividade (Zuckerman, 1971; Zuckerman & Link, 1968) e com a Hipomania (Zuckerman, 1971).

Estudos comparativos das funções dos sistemas neurotransmissores indicam que o sistema dopaminérgico pode estar relacionado com a procura de recompensas biológicas, que parecem caracterizar a Procura de Sensações, particularmente nos comportamentos aditivos (Duaux et al., 1998, cit. in Melo, 2009). Também noutro estudo, observou-se que os sujeitos que apresentaram maior procura de sensações têm mais probabilidade de começar a usar drogas e de iniciar esse consumo numa idade mais baixa, pois este traço pode ser entendido como uma predisposição para revelar condutas delinquentes (Donohew et al., 1999, Heaven, 1996, cit. in Formiga, Aguiar & Omar, 2008; Zuckerman, 1971).

Além disso, outros estudos na área da psicofisiologia verificaram que os indivíduos que têm um traço mais saliente de Procura de Sensações são mais sensíveis aos estímulos intensos e novos (Zuckerman, 1971).

A relação do traço Procura de Sensações com a tendência para correr riscos está devidamente comprovada (Eysenck & Eysenck, 1977; Zuckerman, 1971), não constituindo, contudo, a principal motivação do comportamento. O envolvimento em atividades de risco está associada a uma baixa experiência de medo e a uma correspondente baixa ativação do sistema motivacional aversivo. Zuckerman (1994, cit. in Melo, 2009), ao aprofundar este

espeto regulador da baixa ansiedade antecipatória na avaliação do risco, percebeu que quando o sujeito se coloca nas situações de risco e supera essas experiências, adquire uma percepção de domínio sobre as mesmas. O mesmo autor verificou que estes indivíduos têm maior tendência para procurar a novidade e as experiências intensas, bem como para aceitar a incerteza e o risco no seu quotidiano, podendo assim concluir-se que o indivíduo que apresenta um traço de Procura de Sensações alto busca a variedade, novidade e a complexidade na estimulação.

Relativamente às diferenças individuais, o sexo é a variável que se relaciona mais profundamente com a Procura de Sensações, apresentando o sexo masculino níveis mais elevados de Procura de Sensações, concretamente, nas escalas de Procura de Aventura e Emoção e Desinibição (Zuckerman, Eysenck & Eysenck, 1978). Quanto à idade, os estudos transversais demonstram o declínio da Procura de Sensações ao longo da vida, apesar de comprovarem um aumento da Procura de Sensações desde a infância, alcançando o pico na adolescência e início da idade adulta e diminuindo, gradualmente, a partir dessa altura (Steinberg, Albert, Cauffman, Banich, Graham & Woolard, 2008). Zuckerman (1994) afirmou, contudo, a necessidade de realização de mais investigação longitudinal.

A subescala Procura de Experiências, sendo a única que não apresenta diferenças de género, é particularmente vulnerável a diferenças geracionais, sendo muito influenciada por mudanças culturais e educacionais (Zuckerman, 1994). McCrae e Costa (1988), constataram que, pese o facto de não ser típico assistir-se a mudanças significativas ao longo da idade adulta, uma das escalas que apresenta um declínio consistente, quer em estudos transversais, quer em longitudinais, é a abertura à experiência, escala relacionada com a Procura de Experiências.

Quanto às habilitações académicas, os indivíduos que abandonam precocemente o meio escolar tendem a apresentar maiores níveis de Procura de Sensações do que os que completam os ciclos académicos, confirmando que os indivíduos com altos níveis de Procura de Sensações apresentam maior risco de insucesso escolar (Zuckerman, & Kuhlman 2000)

Analisando o nível socioeconómico, este fator parece ter maior relevância na Procura de Sensações em mulheres do que nos homens. Zuckerman e Kuhlman (2000) constatou que em famílias com menor escolaridade e de nível socioeconómico mais baixo, a polarização adveniente do papel sexual, seria mais visível e tenderia a restringir as atitudes de Procura de Sensações nas mulheres, enquanto no campo oposto, tenderiam a encorajá-las.

Outro dos aspetos estudados foi a interligação da Procura de Sensações com a aprendizagem, tendo-se verificado que os “sensation seekers” apresentam mais capacidade de se concentrar numa tarefa ou num estímulo. O desempenho não é afetado na presença de estímulo distrativo ou de uma tarefa adicional, podendo até ser um mecanismo catalisador de aumento de rendimento. São, presumivelmente, mais capazes de alternar a atenção entre ambas as tarefas e apresentam um melhor desempenho em contextos variados que considerem estimulantes.

Assim, Ball e Zuckerman (1992), concluíram que os “sensation seekers” têm uma tendência para a estimulação e para a excitação, porque têm menor probabilidade de ficarem sobrecarregados por situações novas. Alguns estudos sobre a atenção seletiva sugerem que os indivíduos que mais procuram sensações têm melhor atenção focalizada do que os que menos procuram.

Parte II: Estudo Empírico

Capítulo 5 – Objetivos e Hipóteses

Esta investigação tem como objetivo principal, compreender como os padrões de vinculação, traços de personalidade e a procura de sensações em pessoas que já consumiram e não consumiram drogas se associam e de que forma de influenciam. Este estudo é baseado numa investigação transversal com recurso a uma metodologia correlacional.

Tendo em conta a revisão bibliográfica efetuada, como hipóteses é esperado que:

H1: Sujeitos com comportamentos aditivos apresentem mais indícios de padrões de vinculação inseguros do que os sujeitos sem comportamentos aditivos.

H2: Que padrões de vinculação seguro estejam mais associados a ausência de consumo.

H3: Que existam diferenças relativamente aos traços de personalidade, nos sujeitos com comportamentos aditivos em comparação com os sujeitos sem comportamentos aditivos.

H4: Que os sujeitos com comportamentos aditivos apresentem maiores níveis de procura de sensações do que os sujeitos sem comportamentos aditivos.

Capítulo 6 – Método

6.1. – Participantes

Para a realização do presente estudo foi constituída uma amostra de conveniência com 64 participantes. Esta amostra foi dividida em dois grupos: o primeiro constituído por indivíduos em tratamento de comportamentos aditivos de uma instituição do distrito de Cascais 53.1% (N=34); o segundo constituído por indivíduos que não apresentam comportamentos aditivos 46.9% (N=30).

Relativamente ao Sexo Masculino 44.4% (N=16) são Não Consumidores de Drogas e 55.6% (N=20) são Consumidores de Drogas, já no Sexo Feminino 50% (N=14) são Não consumidoras de Drogas e 50% (N=14) são Consumidoras de Drogas ($\chi^2=0.659$; $p=0.195$). (tabela 1).

Tabela 1: Número dos Consumidores e Não Consumidores de Drogas por Sexo

	Sexo				
	Masculino		Feminino		χ^2
	N	%	N	%	
					0.659
Não consumidores de drogas	16	44.4%	14	50%	
Consumidores de drogas	20	55.6%	14	50%	

Todos os participantes são de nacionalidade Portuguesa (N=64), sendo que 46.9% (N=30) são Não Consumidores de Droga e 53.1% (N=34) são Consumidores de Droga.

No que diz respeito à Etnia, a maioria dos participantes são de Etnia Branca/Caucasiana, tanto no grupo de Consumidores de Droga tal como no grupo de Não Consumidores de Droga. Verificou-se que 49.2% (N=29) indivíduos Não consumidores de Droga são de etnia Branca/Caucasiana, e 50.8% (N=30) Consumidores de Droga são também de etnia Branca/Caucasiana.

Não foram verificadas associações estatisticamente significativas ($\chi^2=4.786$; $p=0.188$), entre os grupos consumidores e não consumidores de droga relativamente à etnia.

Quanto à filiação religiosa, a religião católica abrange a maioria dos participantes tanto no grupo de Não Consumidores de Droga 48.9% (N=22) como no grupo de Consumidores de Droga 51.1% (N=23). Não foram encontradas associações estatisticamente significativas ($\chi^2=8.624$; $p=0.071$) entre os grupos consumidores e não consumidores de droga relativamente filiação religiosa.

No que respeita ao nível Socioeconómico, a classe Média contém a maioria dos participantes, visto que 58.6% (N=17) são Não Consumidores de Drogas e 41.4% (N=12) são Consumidores de Drogas. Caracterizam-se também, como respeitantes à classe Média Baixa 44.0% (N=11) Não Consumidores de Drogas e 56.0% (N=14) de Consumidores de Drogas. Para esta variável não foram verificadas associações estatisticamente significativas ($\chi^2=6.999$; $p=0.072$) entre os vários níveis sócio económicos em função do grupo de Consumidores de Drogas e o grupo de Não Consumidores de Drogas.

Verificou-se que também que a maioria dos participantes vive em ambiente Urbano, pois 49.1 (N=26) são Não Consumidores de Drogas e 50.9% N=27) são Consumidores de Drogas. Não foram verificadas associações estatisticamente significativas ($\chi^2=0.589$; $p=0.443$) na variável Área que vive atualmente em relação ao grupo de Não Consumidores de Drogas e Consumidores de Drogas.

Por fim, a variável Estado Civil quando cruzada com o grupo de Consumidores de Drogas e Não Consumidores de Drogas apresenta uma associação estatisticamente significativa ($\chi^2= 31,058$; $p= 0.00$).

Os indivíduos que responderam ao questionário como sendo casados 100% (N=15) afirmaram não serem consumidores de droga.

Os quatro indivíduos separados, um viúvo e dois indivíduos que estão numa relação sem compromisso afirmaram ser consumidores de droga (100%), por outro lado não houve indivíduos com estes estados civis que fossem consumidores de droga 0.0% (N=0).

Os indivíduos que responderam ser divorciados 25% (N=2) não consomem drogas, enquanto 75% (N=6) afirmaram ser consumidores de drogas.

Metade dos inquiridos 50% (N=2) em união de facto afirmaram não serem consumidores de droga, já a outra metade afirmou fazê-lo 50% (N=2).

Os indivíduos que se encontram numa relação sem compromisso 63.6% (N=7) afirmam não ser consumidores de droga e 36.4% (N=4) afirmam consumir drogas.

Quanto aos indivíduos que presentemente não se encontram envolvidos com ninguém 21.1% (N=4) são Não Consumidores de Drogas e 78.9% (N=15) Consumidores de Drogas.

Os dados da amostra encontram-se sintetizados na tabela 2.

Tabela 2: Número dos Consumidores e Não Consumidores de Drogas por Etnia, Religião, Nível Socioeconómico e Área que vive atualmente

Grupo					
	Não consumidores de drogas		Consumidores de drogas		χ^2
	N	%	N	%	
Nacionalidade					0
Portuguesa	30	46.9	34	53.1	
Etnia					4.786
Asiática/Oriental	1	100	0	0	
Negra/Negroide	0	0	3	100	
Branca/Caucasiana	29	49.2	30	50.8	
Outra	0	0	1	100	
Religião					8.624
Católica	22	48.9	23	51.1	
Protestante	0	0	1	100	
Muçulmana	1	100	0	0	
Nenhuma	7	63.6	4	36.4	
Outra	0	0	6	100	
Nível Socioeconómico					6.999
Classe Média-Alta	2	50.0	2	50.0	
Classe Média	17	58.6	12	41.4	
Classe Média-Baixa	11	44.0	14	56.0	
Classe Baixa	0	0	6	100	
Área que vive atualmente					0.589
Rural	4	36.4	7	63.6	
Urbano	26	49.1	27	50.9	
Estado Civil					31.058***
Casado	15	100	0	0	
Separado	0	0	4	75	
Divorciado	2	25	6	75	
Viúvo	0	0	1	100	
União de Facto	2	50	2	50	
Numa Relação Comprometida	7	63.6	4	36.4	
Em várias relações sem compromisso	0	0	2	100	
Presentemente não me encontro envolvido com ninguém	4	21.1	15	78.9	

***p<0.001

Relativamente à Idade os indivíduos Não Consumidores de Drogas apresentaram uma média de 36.90 (DP=1.97) e os Consumidores de Drogas uma média de 38.12 (DP = 11.07). Ao nível das Habilitações Literárias os indivíduos Não Consumidores de Drogas revelam uma média de 11.23 (DP=2.27) e os indivíduos Consumidores de Droga uma média de 10.94 (DP= 3.58). Por fim, a variável Meses de Relacionamento no grupo de Não Consumidores de Drogas apresenta uma média de 79.33 (DP= 61.83) e o grupo de Consumidores uma média de 50.41 (DP= 56.58).

Não foram encontradas diferenças significativas entre o grupo de Não Consumidores de Drogas e o grupo de Consumidores de Drogas quanto às variáveis Idade $p = 0.55$, Habilitações Literárias $p = 0.72$ e Meses de Relacionamento $p = 0.055$ (Tabela 3).

Tabela 3: Características Demográficas da amostra

	Não Consumidores de drogas (N=30)		Consumidores de drogas (N=34)		t
	M	DP	M	DP	
Idade	36.90	1.97	38.12	11.07	-0.594
Habilitações literárias	11.23	2.27	10.94	3.58	0.384
Meses relacionamento	79.33	61.83	50.41	56.58	1.954

6.2. – Instrumentos

6.2.1 – História Toxicológica

Os sujeitos têm de responder com o grau de veracidade, se já experimentaram drogas ou consumiram álcool, qual a frequência do respetivo consumo tal como, a idade em que iniciaram os primeiros consumos. Para além da diversidade de consumos em que se destacam, o álcool, Cannabis, Anfetaminas, Cocaína entre outras, os sujeitos poderão referenciar ainda outro tipo de substâncias que tenham consumido, como também as razões que os levaram ou levam a consumir. O preenchimento desta medida termina questionando os sujeitos sobre o consumo atual de drogas.

6.2.2. - EVA – Escala de Vinculação para Adultos (Canavarro, 1996)

Para estudar a Vinculação foi utilizada a Escala de Vinculação do Adulto, esta foi construída e revista por Collins e Read (1990) e adaptada para a população portuguesa por Canavarro (1996).

A partir da década de 80, a investigação na área da vinculação proliferava, destaca-se os estudos de Main e colaboradores que ao estudarem a dimensão representacional da vinculação no adulto desenvolveram uma medida de avaliação intitulada Adult Attachment Interview – AAI (George, Kaplan & Main, 1984). Posteriormente, Hazan e Shaver (1987), influenciados pelos trabalhos de Ainsworth sobre vinculação na infância, procuraram traduzir para a idade adulta, no âmbito da relação amorosa, o mesmo sistema de classificação em três dimensões adotado pela autora. Com este objetivo, construíram um instrumento de auto-resposta, no qual é pedido ao indivíduo que escolha, de entre um conjunto de três parágrafos descritivos dos três estilos de vinculação (evitante, seguro e ansioso/ambivalente), aquele com que mais se identifica (Canavarro, 1996).

O instrumento de Hazan e Shaver teve um papel de grande relevo no desenvolvimento do estudo da vinculação, embora apresentasse limitações (Hazan & Shaver, 1987; Collins & Read, 1990; Simpson, 1990), que o confirmavam como científico (Popper, 1993); a natureza categorial do instrumento assumia que cada estilo era independente dos outros, o que não permitia avaliar o grau e extensão em que cada estilo é característico de um indivíduo (Canavarro, 1996). Collins e Read (1990) tentaram ultrapassar estes problemas metodológicos através da utilização de escalas de avaliação continua – a Adult Attachment Scale (AAS).

Na construção da sua escala, estes autores extraíram, em primeiro lugar, as afirmações dos parágrafos do instrumento de Hazan e Shaver (1987), obtendo quinze itens (cinco para cada estilo de vinculação). Em seguida, acrescentaram seis novos itens, para incluir dois aspetos fundamentais da vinculação, não incluídos no instrumento de Hazan e Shaver: (a) as crenças sobre a disponibilidade da figura de vinculação e a sua resposta quando requerida (três itens) e (b) as reações à separação da figura de vinculação (três itens). Após validação, obteve-se uma estrutura de teste com 18 itens, divididos em três dimensões, cada uma com seis itens, a primeira designada por Close, avalia a forma como o indivíduo se sente confortável ao estabelecer relações próximas e íntimas; a segunda, Depend, avalia a forma como os indivíduos sentem poder depender de outros em situações em que necessitam deles; por último, a terceira, Anxiety, avalia o grau em que o indivíduo se sente preocupado com a possibilidade de ser abandonado ou rejeitado.

Na adaptação de Canavarro (1996) à população portuguesa, a estrutura manteve-se. O formato de resposta consiste numa escala de cinco pontos, do tipo likert, que varia entre “Nada característico em mim” e “Extremamente característico em mim”. Nesta aferição a dimensão “Close” passou a ser designada de “Confiança nos outros”, a dimensão “Depend” passou a ser denominada de “Conforto com a proximidade” e, por último, a “Anxiety” de “Ansiedade”. Quando avaliada a consistência interna desta versão verificou-se um valor de Alpha de Cronbach de .73 para a dimensão Depend, de .72 para a dimensão Anxiety e de .69 para a dimensão Close (Canavarro, 1996).

6.2.3. - BFI – Big Five Inventory (Benet-Martinez & John, 1998)

A Personalidade foi avaliada através do BFI, que é uma medida de autoavaliação desenhada para medir as cinco principais facetas da personalidade definidas no modelo

OCEAN – (O) Abertura à Experiência, (C) Conscienciosidade, (E) Extroversão, (A) Amabilidade e (N) Neuroticismo (Costa & McCrae, 1995).

É constituído por 44 itens que se distribuem por cinco dimensões: Extroversão, constituída por 8 itens (1, 6, 11, 16, 21, 31 e 36); Amabilidade, constituída por 9 itens (2, 7, 12, 17, 22, 227, 32, 37 e 42); Conscienciosidade, constituída por 9 itens (3, 8, 13, 18, 23, 33, 38 e 43); Neuroticismo, constituído por 8 itens (4, 9, 14, 19, 24, 29, 34 e 39); e Abertura à Experiência, constituída por 10 itens (5, 10, 15, 20, 25, 30, 35, 40, 41 e 44). O formato de resposta é de tipo Likert de 5 pontos, variando entre 1 (discordo fortemente) e 5 (concordo fortemente). Nas dimensões de Extroversão e de Neuroticismo a amplitude dos resultados variam de 8 a 40; nas dimensões de Amabilidade e de Conscienciosidade os valores variam entre 9 e 45; para a dimensão Abertura à Experiência o resultado varia entre 10 e 50. Os resultados mais elevados demonstram que uma dada dimensão da personalidade se acentua comparativamente às outras (Costa e McCrae, 1991, 1995). Segundo estes autores, sujeitos que obtenham valores mais elevados na dimensão Neuroticismo experienciam mais frequentemente emoções negativas, como raiva, ansiedade ou depressão, são emocionalmente reativos e vulneráveis ao *stress*, tendem a interpretar situações normais como potencialmente ameaçadoras, esse estado emocional negativo tende a ser de longa duração.

Por outro lado, indivíduos com baixa pontuação em N têm menos facilidade em serem perturbados e são menos reativos emocionalmente, tendem a ser calmos e emocionalmente estáveis, com mais sentimentos positivos persistentes. Sujeitos com elevados valores em Extroversão demonstram mais emoções positivas e tendem a procurar o contacto interpessoal, devido à necessidade que têm do contacto com o mundo exterior, gostam de estar com pessoas e são percecionados pelos outros como sendo pessoas alegres e cheias de energia, tendem a ser entusiastas e com forte propensão para a ação.

Por outro lado, baixos valores de E são sujeitos introvertidos, não tentam o contacto social, são vistos como pessoas calmas, ponderadas e, por vezes, como tímidas ou deprimidas, rejeitam o mundo exterior em virtude da riqueza do mundo interior (Jung, 1980). Indivíduos com pontuações elevadas de Amabilidade caracterizam-se por ser compassivos, cooperantes, amáveis, valorizam a relação com os outros, respeitadores, amigáveis, generosos, prestáveis e dispostos a compromissos com pessoas. Indivíduos com pontuações baixas de A são não amigáveis, interessados no que está para além da relação com os outros, não têm em conta com o bem-estar dos outros mas sim com o seu próprio e são desconfiados.

Valores elevados de Conscienciosidade revelam sujeitos com alto grau de orientação para atingir objetivos estabelecidos e o seu comportamento caracteriza-se por um planeamento exaustivo ao invés da espontaneidade, sendo portanto pessoas que controlam fortemente os seus impulsos. Por fim, sujeitos com elevados resultados na dimensão Abertura à Experiência caracterizam-se por uma propensão para descobrir novas atividades, interesse pela arte, pela aventura, ideias fora do comum, imaginação e são intelectualmente curiosos – com uma acentuada pulsão epistemofílica (Klein, 1997).

Ao nível da consistência interna, cada dimensão do questionário original apresenta coeficientes de alpha de Cronbach fortes, entre .79 e .88 (Benet-Martinez & John, 1998). Na adaptação à população espanhola, uma população culturalmente semelhante à portuguesa, foram obtidos alphas entre .66 e .85 (Benet-Martinez & John, 1998).

6.2.4. - SSS-V - Sensation Seeking Scale - Version

Para avaliar a Procura de Sensações foi utilizado a escala de procura de sensações “Sensation Seeking Scale - V” de Zuckerman (1994; Oliveira, 2008), composta por 40 itens, tendo cada item duas opções de resposta (A e B), agrupados em quatro subescalas: - Procura de Emoção e Aventura: expresso o desejo de participar em desportos ou outras atividades físicas de risco que desencadeiam sensações incomuns de velocidade ou de desafio da gravidade (e.g., “Por vezes gosto de fazer coisas um pouco arriscadas”); - Procura de Experiências: descreve a procura de sensações e experiências novas através da mente e dos sentidos, atividade intelectual ou sensorialmente estimulante ou através de atividades sociais não-conformistas (e.g., “Gosto de experimentar comidas que nunca provei”); - Desinibição: descreve a preferência por atividades que promovam a socialização, (e.g., festas, consumo de substâncias, variedade de parceiros sexuais), (e.g., “Gosto de experiências e sensações novas e excitantes, mesmo que sejam um pouco assustadoras, pouco convencionais ou ilegais”); - Intolerância ao Aborrecimento: refere-se à intolerância a experiências repetitivas ou rotineiras e à monotonia, (e.g., “Aborreço-me de ver sempre as mesmas caras”). Cada subescala é composta por 10 itens e pode-se calcular o valor total do traço de procura de sensações pelo somatório das respostas nas quatro subescalas. Os valores podem variar entre 0 e 10 para cada subescala e entre 0 e 40 para a escala total. No que se refere à consistência interna, o Alfa de Cronbach é inferior ao valor de referência (0.80) e aos valores mínimos e máximos encontrados por Zuckerman (1994).

6.3. – Procedimento

Inicialmente foram estabelecidos contactos através de correio eletrónico com responsável da Comunidade Terapêutica da Casa Da Barragem em Cascais, onde foi apresentado o objetivo da presente investigação e feito o pedido de autorização para a recolha de dados do Grupo de Consumidores de Drogas.

Concedido o pedido, procedeu-se à recolha da amostra do grupo de sujeitos com comportamento aditivos em tratamento, através da aplicação do protocolo de investigação (Apêndice 1) em Fevereiro do presente ano. Os protocolos foram preenchidos individualmente durante aproximadamente 40 minutos, tendo sido respeitados os princípios do consentimento informado.

Por fim, realizou-se a recolha da amostra do grupo de Não Consumidores de Drogas, onde foi critério de exclusão qualquer tipo de consumo toxicológico no passado ou presentemente.

Os dados foram então inseridos em Excel de forma a criar uma base de dados, posteriormente foi realizado o respetivo tratamento estatístico em IBM Statistical Package for Social Sciences Versão 21 (SPSS 21) para Windows 8.

6.4.- Resultados

Foram inquiridos os indivíduos de forma a constatar com que frequência consumiam drogas e, os resultados mais relevantes são que 58.8% dos sujeitos afirmam ser regular o consumo de Álcool (N=20), 50% (N=17) revelaram ser regular o seu consumo de Cannabis, também 50% (N=17) referiu o que o uso de Cocaína é regular. Já em relação à Ketamina, 85.3% (N=29) afirmaram nunca ter experimentado, a Heroína foi usada regularmente por 50% (N=17) dos sujeitos

Relativamente ao consumo de Mescalina, 91.2% (N=31) dizem nunca ter consumido, tal como, quanto ao consumo de GHB, 94.1% (N=32) também revelam nunca ter consumido.

Quanto á idade dos primeiros consumos, é importante salientar que, relativamente ao Álcool percebeu-se que a idade mínima foi de sete anos, experimentado apenas por um individuo (2.9%) e a idade máxima aos 39 com também apenas por um sujeito (N=2.9). A Cannabis foi consumida pela primeira vez aos oito anos (N=1; 2.9%) e a experiência mais antiga foi aos 33 anos (N=1; 2.9%). Já a Cocaína foi experimentada pela primeira vez aos 13 anos, por um indivíduo (2.9%) e o indivíduo com a experiencia mais tardia tinha 39 anos (2.9%).

Aos treze anos foi também consumida a Heroína/Ópio, por um indivíduo (2.9%). Os Inalantes foram experimentados pela primeira vez aos doze anos, por um indivíduo (2.9%) e o indivíduo com a experiência mais tardia tinha 30 anos (2.9%).

Mais dados relativamente a estes valores estão na tabela 4.

Tabela 4: Frequência do Consumo de Drogas

	Idade	Nunca		Uma a duas vezes		Mais do que duas vezes		Uso regularmente	
		N	%	N	%	N	%	N	%
Álcool	7-39	2	5.9	1	2.9	11	32.4	20	58.8
Cannabis	8-33	3	8.8	2	5.9	12	35.3	17	50
Anfetaminas	15-36	24	70.6	1	2.9	2	5.9	7	20.6
Cocaína	13-39	8	23.5	0	0	9	26.5	17	50
Ecstasy/MDMA	15-47	16	47.1	3	8.8	10	29.4	5	14.7
L.S.D.	15-28	19	55.9	2	5.9	8	23.5	5	14.7
Poppers	15-24	25	73.5	2	5.9	5	14.7	2	5.9
Ketamina	16-25	29	85.3	1	2.9	2	5.9	2	5.9
Heroína/Ópio	13-33	11	32.4	0	0	6	17.6	17	50.0
Cogumelos Mágicos	15-38	24	70.6	2	5.9	6	17.6	2	5.9
Mescalina	15-25	31	91.2	0	0	2	5.9	1	2.9
Inalantes	12-30	28	82.4	1	2.9	4	11.8	1	2.9
GHB	15-25	32	94.1	1	2.9	1	2.9	0	0

Em relação ao tipo de droga utilizada pelos consumidores 70.6% (N=24) responderam não ser a cocaína a droga injetável utilizada e 29.4% (N=10) afirmam o contrário. Os mesmos valores são manifestados quando inquiridos sobre a heroína, enquanto droga injetável.

Relativamente aos Poppers, GHB e outras drogas tiveram o mesmo valor percentual de 100% (N=34), como sendo as drogas injetáveis não usadas e ninguém respondeu usá-la com o mesmo propósito (N=0; 0%).

A Ketamina é usada apenas por dois indivíduos (5.9%), como droga injetável e 32 (N=94.1%) responderam não ser a droga usada (tabela 5).

Tabela 5: Uso ou não de drogas intravenosas

	Não		Sim	
	N	%	N	%
Cocaína Intravenosa	24	70.6	10	29.4
Poppers Intravenosa	34	100	0	0
Ketaminas Intravenosa	32	94.1	2	5.9

Heroína/Ópio Intravenosa	24	70.6	10	29.4
GHB Intravenosa	34	100	0	0
Outras Intravenosas	34	100	0	0

Durante o preenchimento do questionário foram inquiridos sobre quais os motivos que levavam ao consumo de drogas, o motivo mais comum foi “por prazer” respondido por 79.4% (N=27), enquanto 20.6% (N=7), respondeu não ser este o motivo.

O segundo motivo mais respondido foi “quando me sinto em baixo” com 73.5% (N=25), ao invés de 26.5% (N=9), que responderam não ser este o motivo que os leva ao consumo. O motivo “Por ansiedade/stress” obteve os mesmos valores.

“Para aumentar a confiança “é o motivo para 61.8% (N=21) consumir drogas e 38.2% (N=13) afirmam não ser este o motivo que os leva ao consumo. “Quando estou feliz junto dos meus amigos “é o motivo para 29.4% (N=10) consumir drogas e 70.6% (N=10) asseguram não ser este o motivo que os leva ao consumo. “Por hábito” 15 sujeitos (44.1%) afirmaram não ter e 19 indivíduos (55.9%) responderam ser esse o motivo por que consumiam.

A pressão aos exames foi respondido por 100% dos inquiridos (N=34), como não sendo este o motivo. “Para se sentir mais atraente sexualmente” não é motivo para 91.2% (N=31) consumirem drogas, mas ainda assim 8.8% (N=3) afirmam que o consumo os fez sentir desta forma e por isto consumirem.

O fato de estarem sozinhos é motivo para 20 inquiridos (58.8%) consumirem algum tipo de droga, mas não é motivo para que 14 indivíduos (41.2%) o façam, Já pressão social leva a que 8.8% (N=3) consumissem algum tipo de droga, mas 91.2% (N=31) não sentiram essa pressão social. 88.2% (N=30) não precisam de nenhum tipo de droga para ajudar à concentração, mas 11.8% (N=4), responderam o contrário.

Quando apetece refletir foi o motivo indicado por 26.5% (N=9), mas pelo contrário 73.5% (N=25), não necessitaram. Os motivos religiosos levam 2.9% (N=1) ao consumo de drogas, mas 97.1% (N=33) disseram não ser esse o motivo do seu consumo. 26.5% (N=9) responderam que o facto de se sentirem em baixo não é motivo para consumirem, mas 73.5% (N=25) afirmaram ser esse o motivo.

Trinta e três indivíduos (97.1%) afirmaram não saber o motivo do consumo, mas um indivíduo (2.9%) afirma saber. 91.2% (N=31) afirmam não ter outro motivo para além deste

que os leve ao consumo, mas 8.8% (N=3) afirmam ter mais motivos. 100% (N=34) dos inquiridos afirmaram consumir drogas no atualmente (tabela 6).

Tabela 6: Motivos para o consumo de drogas

Motivo	Não		Sim	
	N	%	N	%
Para aumentar a Confiança	13	38.2	21	61.8
Por prazer	7	20.6	27	79.4
Quando estou feliz junto dos meus amigos	24	70.6	10	29.4
Por hábito	15	44.1	19	55.9
Por pressão dos exames	34	100	0	0
Para se sentir mais atraente sexualmente	31	91.2	3	8.8
Quando estou sozinho	14	41.2	20	58.8
Por pressão social	31	91.2	3	8.8
Para ajudar a concentração	30	88.2	4	11.8
Quando me apetece refletir	25	73.5	9	26.5
Por motivos religiosos	33	97.1	1	2.9
Quando me sinto em baixo	9	26.5	25	73.5
Por ansiedade/stresse	9	26.5	25	73.5
Não sei	33	97.1	1	2.9
Outro	31	91.2	3	8.8

Foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre os grupo de consumidores e não consumidores de drogas em função do neuroticismo $[t(59.99) = -2.26; p=0.03]$ os consumidores de drogas apresentaram valores significativamente mais elevados ($M=3.23$; $DP=0.45$), que os não consumidores ($M=3.01$; $DP=0.33$).

A Extroversão também revelou valores significativos $[t(62) = -2.49; p= 0.02]$, sendo novamente os consumidores de drogas a apresentarem valores mais elevados ($M=3.65$; $DP=0.45$), relativamente aos não consumidores ($M=3.40$; $DP=0.37$).

Não há diferenças significativas ($p>0.05$) entre o grupo não consumidores e consumidores de drogas para as restantes subescalas (tabela 7).

Tabela 7: Diferenças entre as subescalas do teste BFI em função do consumo ou não de drogas

	Grupo				
	Não Consumidores de drogas (N=30)		Consumidores de drogas (N=34)		t
	M	DP	M	DP	
BFI					
Neuroticismo	3.01	0.33	3.23	0.45	-2.262*
Abertura à experiência	3.33	0.33	3.50	0.44	-1.693
Extroversão	3.40	0.37	3.65	0.45	-2.489*
Amabilidade	3.40	0.37	3.72	0.44	-3.032

Conscienciosidade	3.39	0.39	3.50	0.42	-1.141
-------------------	------	------	------	------	--------

* $p \leq 0.05$

A subescala da EVA para ansiedade apresentou diferenças significativas com o grupo de consumidores e não consumidores de drogas [$t(62) = -4.23$; $p = 0.00$], sendo que os consumidores de droga revelaram ter maiores níveis ($M = 2.96$; $DP = 0.92$), que os não consumidores de drogas ($M = 2.12$; $DP = 0.63$).

As restantes subescalas não apresentaram diferenças significativas com o grupo dos consumidores e não consumidores de drogas (tabela 8).

Tabela 8: Diferenças entre as subescalas do teste EVA em função do consumo ou não de drogas

	Grupo				t
	Não Consumidores de drogas (N=30)		Consumidores de drogas (N=34)		
	M	DP	M	DP	
EVA					
Ansiedade	2.12	0.63	2.96	0.92	-4.233***
Conforto com a proximidade	3.60	0.55	3.40	0.49	1.544
Confiança nos outros	3.26	0.39	3.13	0.46	1.223

*** $p \leq 0.001$

Todas as subescalas da prova SSS-V mostraram valores estatisticamente significativos com o grupo consumidores e não consumidores de drogas (tabela 9). A subescala procura de sensações e aventura [$t(43.28) = -3.28$; $p = 0.00$] mostra que são os consumidores de drogas com maiores níveis ($M = 7.65$; $DP = 2.10$) em relação aos não consumidores de droga ($M = 5.14$; $DP = 3.63$).

A subescala de procura de experiências [$t(61) = -3.66$; $p = 0.00$] mostra novamente que é o grupo dos consumidores de droga que têm níveis mais elevados ($M = 7.65$; $DP = 2.10$), quando comparados com os não consumidores de drogas ($M = 4.90$; $DP = 1.92$).

Na subescala desinibição [$t(60.45) = -4.20$; $p = 0.00$] torna a ser os indivíduos consumidores de droga com níveis mais elevados ($M = 4.62$; $DP = 2.37$) do que os não consumidores de drogas ($M = 2.43$; $DP = 1.78$).

A subescala suscetibilidade ao aborrecimento [$t(61) = -2.04$; $p = 0.05$] mostrou que são os indivíduos não consumidores de drogas que têm menores níveis ($M = 2.38$; $DP = 1.66$), quando comparados com os indivíduos consumidores de drogas ($M = 3.29$; $DP = 1.87$).

Por último o total da subescala de procura de sensações [$t(62)=-4.74$; $p=0.00$] revelou que são os consumidores de droga que têm maior procura de sensações ($M=22.18$; $DP=5.93$) relativamente aos não consumidores de drogas ($M=15$; $DP=6.72$).

Tabela 9 Diferenças entre as subescalas do teste SSS-V em função do consumo ou não de drogas

	Grupo				
	Não Consumidores de drogas (N=30)		Consumidores de drogas (N=34)		t
	M	DP	M	DP	
SSS-V					
Procura de sensações e aventura	5.14	3.63	7.65	2.10	-3.281**
Procura de experiências	4.90	1.92	6.62	1.81	-3.663**
Desinibição	2.43	1.78	4.62	2.37	-4.197**
Suscetibilidade ao Aborrecimento	2.38	1.66	3.29	1.87	-2.041*
Procura de Sensações (total)	15	6.72	22.18	5.39	-4.740**

* $p \leq 0.05$; ** $p \leq 0.01$

Relativamente à relação entre o BFI, EVA e SSS-V, verifica-se que a dimensão da EVA “Ansiedade” e a dimensão do BFI “Abertura à experiência” estão correlacionadas de uma forma negativa e muito fraca ($r=-0.41$; $p=0.01$), o que nos indica que quanto mais ansiosos são os sujeitos consumidores de drogas menos abertura à experiência têm. Já na dimensão da EVA “Conforto com a proximidade” e a dimensão do BFI “Abertura à experiência”, existe uma correlação positiva e moderada ($r=0.38$; $p=0.03$), o que revela que sujeitos com uma vinculação dita segura têm mais abertura à experiência.

Na dimensão “procura de sensações e aventura” da SSS-V está correlacionada de uma forma positiva e muito fraca com a dimensão “Neuroticismo” do BFI ($r=0.43$; $p=0.01$), ou seja, indica-nos que nos sujeitos com comportamentos aditos quanto maior a procura de sensações e aventura maior o nível de Neuroticismo.

A dimensão “procura de experiências” quando correlacionada com a Extroversão, mostra ter uma correlação positiva ($r=0.48$; $p=0.00$), o que significa que quanto mais procura de experiências mais elevado é o nível de extroversão. Por fim o total da dimensão “procura de sensações” quando correlacionada com o “Neuroticismo” mostrou terem uma relação positiva e fraca ($r=0.38$; $p=0.03$).

As restantes correlações entre as dimensões das escalas, não revelaram valores estatisticamente significativos para o estudo em questão (tabela 10).

Tabela 10: Correlação entre as subescalas do BFI, EVA e SSS-V (Consumidores de Droga)

	BFI				
	Neuroticismo	Abertura à Experiência	Extroversão	Amabilidade	Conscienciosidade
EVA					
Ansiedade	0.17	-0.41*	-0.16	-0.13	0.01
Conforto com a proximidade	-0.10	0.38*	-0.09	0.12	0.17
Confiança nos outros	-0.13	0.13	0.21	0.31	0.01
SSS-V					
Procura de sensações e aventura	0.43**	-0.15	-0.02	-0.31	-0.22
Procura de experiências	0.33	0.16	0.48**	0.10	-0.03
Desinibição	0.16	-0.04	0.05	-0.24	-0.23
Suscetibilidade ao aborrecimento	0.11	0.02	0.17	-0.00	-0.03
Procura de Sensações (total)	0.38*	-0.01	0.23	-0.10	-0.13

* $p \leq 0.05$; ** $p \leq 0.01$

Em relação ao cruzamento entre o BFI, EVA e SSS-V da amostra de sujeitos não consumidores de drogas, verifica-se que a dimensão da SSS-V “Procura de Sensações e Aventura” e a dimensão do BFI “Neuroticismo” estão correlacionadas de uma forma negativa e muito fraca ($r = -0.45$; $p = 0.01$). Já na dimensão da SSS-V “Desinibição” e a dimensão do BFI “Neuroticismo”, existe uma correlação negativa e fraca ($r = -0.41$; $p = 0.02$). Ainda na dimensão do BFI “Neuroticismo” existe uma correlação negativa e muito fraca com a dimensão do SSS-V “Procura de Sensações total” ($r = -0.46$; $p = 0.01$).

Tabela 11: Correlação entre as subescalas do BFI, EVA e SSS-V (Não consumidores de Droga)

	BFI				
	Neuroticismo	Abertura à Experiência	Extroversão	Amabilidade	Conscienciosidade
EVA					
Ansiedade	0.31	0.72	0.31	0.40*	0.53**
Conforto com a proximidade	-0.12	0.16	-0.04	0.23	0.30
Confiança nos outros	-0.23	0.11	0.08	-0.06	-0.31
SSS-V					
Procura de sensações e aventura	0.45*	0.29	0.13	-0.14	-0.06
Procura de experiências	-0.31	-0.13	0.18	-0.09	-0.03
Desinibição	0.41*	-0.04	0.13	-0.04	-0.14
Suscetibilidade ao aborrecimento	-0.12	-0.14	0.07	-0.03	-0.04

Procura de Sensações (total)	-0.46**	0.09	0.17	0.12	-0.06
---------------------------------	---------	------	------	------	-------

* $p \leq 0.05$; ** $p \leq 0.01$

Por fim, na dimensão da EVA “Ansiedade” quando cruzada com a dimensão do BFI “Amabilidade” mostramos uma correlação positiva e moderada ($r=0.40$; $p=0.03$) e aquando cruzada com a dimensão “Conscienciosidade” também da escala BFI mostramos uma correlação positiva ($r=0.53$; $p=0.00$).

As restantes correlações entre as dimensões das escalas, não revelaram valores estatisticamente significativos para o estudo em questão (tabela 11).

Capítulo 7 – Discussão dos Resultados

Já realizada a apresentação dos resultados obtidos nesta investigação, cabe a este capítulo proceder à discussão dos mesmos, à luz de uma visão comparativa, onde é será realizada uma discriminação sobre os dados recolhidos dos grupos (consumidores de substancias em tratamento e não consumidores de substancias), face às variáveis sociodemográficas e psicológicas escolhidas para a concretização desta investigação. Como tal, é pertinente interpretar os dados significativos, tendo em consideração o objetivo, as hipóteses expostas e resultados obtidos de outras investigações efetuadas no âmbito da toxicodependência.

O presente estudo teve como principal objetivo verificar quais as diferenças entre os traços de personalidade, os padrões vinculativos e a procura de sensações entre sujeitos com comportamentos aditivos e sujeitos que nunca tiveram esses comportamentos.

Inicialmente, procedeu-se a uma análise comparativa entre grupos, grupo dos sujeitos com comportamentos aditivos em tratamento (N=34) e o grupo dos sujeitos não aditivos (N=30), para verificar se existiam diferenças entre eles em relação aos dados sociodemográficos. O que revelou a não existência de diferenças entre estes, relativamente ao sexo, etnia, religião, nível socioeconómico e área onde vivem atualmente. Embora seja de salientar, mesmo distribuídos equitativamente, a existência de uma maior incidência na classe média e na classe média baixa. A variável estado civil quando comparada com o grupo de consumidores de drogas e não consumidores de drogas apresenta diferenças estatisticamente significativas.

É também relevante mencionar, que os sujeitos que revelam ser casados são todos pertencentes ao grupo dos não consumidores de drogas 100% (N=15), tal como, a maior parte dos sujeitos que se inserem no estado civil “atualmente não me encontro envolvido com ninguém” são maioritariamente consumidores de drogas 78.9% (N=15).

Dados obtidos pelo Serviço de Intervenção nos Comportamentos Aditivos e nas Dependências constataram que as mulheres passaram a consumir muito mais álcool, bem como, os jovens que iniciam os consumos cada vez mais cedo. No que respeita ao perfil padrão dos utentes, ou seja, a sócio demografia, os relatórios apresentam uma maior incidência no género masculino (84%), com idades compreendidas entre os 30 e os 44 anos de idade (63%), o nível de ensino não é superior ao 3ºCiclo (77%), cerca de 59% estão desempregados, ao nível das fontes de rendimento cerca de 42% estão a cargo da família e

30% a ganharem o rendimento do seu trabalho, estão a viverem com a família de origem 37% ou só com companheiro com ou sem filhos 32%, a viverem em alojamento familiar clássico 92% e com condições de saneamento 95% (SICAD, 2011).

Os relatórios de estimativas nacionais do SICAD, relativamente ao uso e abuso de drogas em Portugal, demonstram que 655 926 (9.5%) já consumiram drogas ilícitas (M=15) (15-24 anos=13%; 25-34 anos=16%) e 186 421 (2.7%) consumiram nos últimos 12 meses (M=4.1) (15-24 anos=5,8%; 25-34 anos =4,6%). As Drogas mais consumidas nos últimos 12 meses são a cannabis (2.7%), o *ecstasy* (0.3%) e a cocaína (0.2%).

Como hipótese 1, esperava-se que indivíduos consumidores de substâncias apresentassem mais indícios de padrões de vinculação inseguros do que os sujeitos sem comportamentos aditivos, esta hipótese foi confirmada, uma vez que a dimensão da escala EVA “ansiedade” apresentou diferenças estatisticamente significativas relativamente ao grupo de consumidores de drogas. Num estudo de Apóstolo (1999), ao ser comparada a vinculação da população não consumidora de heroína e a população consumidora de heroína, concluiu-se que: os consumidores de heroína são mais ansiosos no relacionamento íntimo, mais ansiosos, evitantes e menos seguros no relacionamento interpessoal e apresentam níveis de bem-estar psicológico mais baixos relativamente aos sujeitos que não consomem drogas.

Várias investigações sugerem que o padrão de vinculação inseguro está associado com uma regulação afetiva pouco eficaz que conduz a comportamentos mal adaptativos na idade adulta (Caspers et al 2005).

Como hipótese 2, esperava-se que padrões de vinculação seguro estivessem mais associados à ausência de consumos, esta hipótese não se confirmou, uma vez que não foram obtidas diferenças estatisticamente significativas nas subescalas “conforto com a proximidade” e “confiança nos outros” entre o grupo de consumidores de não consumidores de substâncias.

Para justificar esta hipótese é possível referir o estudo de Cooper, Shaver & Collins (1998) onde é revelado que sujeitos toxicodependentes apresentam padrões de vinculação evitante. Estes autores acreditam que a relação entre os dois conceitos pode ser ainda mais significativa. Porém, tal não foi comprovado atendendo ao enviesamento das escalas de autopreenchimento, pois os indivíduos com padrões evitantes terão a tendência de subvalorizar os seus sintomas e os preocupados de os sobrevalorizar.

Num estudo de Torres, Sanches & Neto (2004) que relaciona experiências de vidas traumáticas na infância e adolescência, vinculação e parceiros românticos e adição a drogas ilegais, concluiu-se que o grupo de toxicodependentes tem níveis superiores de ansiedade de abandono e mais evitamento nas relações próximas e, conseqüentemente, uma maior percentagem de estilos de vinculação inseguros nas suas relações próximas, do que um grupo de controlo de estudantes universitários.

Estes estudos, levam-nos a perceber os padrões vinculativos quanto aos sujeitos com comportamentos aditos, e não quanto a sujeitos que nunca tiveram esses comportamentos, ou seja, não é possível afirmar que sujeitos não consumidores de substâncias estejam mais associados a um padrão vinculativo seguro.

Para Eysenck e Zuckerman (1978), tal como para Zuckerman e Link (1968) e Zuckerman (1971), a Extroversão estaria relacionada com o traço “Procura de Sensações” uma vez que este traço poderia ser explicado através de fatores bioquímicos, que determinam a forma como o cérebro reage à estimulação do ambiente, possuindo associações firmes e consistentes com a idade, género e até perturbações psicológicas.

Eysenck (1957), sustenta que os Extravertidos, por necessitarem de elevados níveis de estimulação, que não é usualmente proporcionada por rotinas ambientais, tendem a ser os que mais procuram sensações. Já os Introvertidos inclinam-se para a redução de sensações, pelo (Zuckerman & Link, 1968) constaram que aqueles que possuem um baixo nível de Procura de Sensações tendem a evitar a excitação excessiva, para assim reduzirem ou manterem um nível ótimo de funcionamento efetivo.

Estas teorias, sustentam a confirmação da hipótese 3 desta investigação, esta hipótese remete para o fato de ser esperada a existência de diferenças, relativamente aos traços de personalidade, nos sujeitos com comportamentos aditivos em comparação com os sujeitos sem comportamentos aditivos. Contudo, num estudo de Costa e MacCrae (2000), elaborado com população com adições, verificou-se que 60% dos sujeitos evidenciou um grau de Neuroticismo muito elevado. A Ansiedade nesta mesma dimensão apresentou valores elevados apenas para 22,6% dos participantes. O fator que desencadeou o elevado grau de Neuroticismo foi a dimensão da Hostilidade onde 90,5% dos sujeitos apresentaram resultados elevados, embora a faceta da Depressão também contivesse um score elevado em mais de 60% dos participantes do estudo.

Quanto à Conscienciosidade a pontuação foi baixa, apresentando assim, 94,4% da população sujeita ao estudo um grau muito elevado de Impulsividade. A Vulnerabilidade segundo Costa e MacCrae (2000) como sendo a incapacidade de lidar com o *stress*, demonstrou pontuação alta em 83,1% da amostra. A Extroversão no mesmo estudo com população adita apresentou-se baixa, com mais de 60% a demonstrar um score baixo, que revela pouco investimento nos outros e pouco contacto social. A Aberta à experiência revelou-se baixa, 64% da amostra, ou seja, segundo Costa e McCrae (2000) esta faceta relaciona-se com a vontade e o interesse que a pessoa demonstra para manter compromissos de ordem relacional e ocupacional como são ocupações de natureza laboral e ocupacional.

No que diz respeito à procura de sensações Zuckerman 1994 refere que na origem dos comportamentos de procura de sensações podem estar estados de excitação psicofisiologia excessivamente baixos, que advêm da exposição a ambientes invariantes ou monótonos e que levam a pessoa à busca de estimulação mais intensa, ou estados de exagerada estimulação que levam a tentativas de redução do nível de excitação (Zuckerman, 1994). Assim, os indivíduos com valores elevados de procura de sensações teriam tendência para escolher comportamentos que aumentassem a quantidade de estimulação.

Desta forma, os sujeitos com valores mais altos do traço de procura de sensações tendem a uma maior procura de situações novas e de experiências intensas, aceitando a incerteza e o risco e, antevendo uma maior satisfação neste tipo de situações (Zuckerman, 1994). O traço de procura de sensações implica uma abertura para a experiência, e os indivíduos que obtêm resultados altos no traço têm inclinação para vivenciar e experienciar de uma forma ativa e intensa a complexidade dos estímulos (Oliveira, 2008).

À luz desta teoria, pode concluir-se que a hipótese 4 onde era esperado que os consumidores de drogas apresentassem maiores níveis de procura de sensações em relação aos sujeitos não consumidores de drogas é confirmada.

CONCLUSÃO

Esta dissertação teve como objetivo verificar quais as diferenças entre os traços de personalidade, os padrões vinculativos e a procura de sensações entre sujeitos com comportamentos aditivos em tratamento e sujeitos sem esses comportamentos, tal como, compreender se a qualidade das relações de vinculação que os sujeitos estabelecem ao longo da vida, os traços de personalidade e a procura de sensações diferem significativamente entre estes dois grupos, e também, compreender se a vinculação, os traços de personalidade e a procura de sensações se associam e de que forma se influenciam entre si.

Resultados obtidos nesta investigação revelaram que, os consumidores de substâncias apresentam algumas diferenças ao nível dos traços de personalidade e da procura de sensações quando comparados com sujeitos sem comportamentos aditos.

Segundo as estimativas nacionais do Serviço de Intervenção nos Comportamentos Aditivos e nas Dependências, relativamente ao uso e abuso de drogas em Portugal, indicam que existe entre 6.2 e 7.4 consumidores de droga em cada mil habitantes, com idades compreendidas entre os quinze e os sessenta e quatro anos. Em Portugal, entre 2000 e 2005, o número estimado de consumidores de drogas tem manifestado uma descida, em especial nos utilizadores de drogas injetáveis. Estes dados continuam a ser extremamente preocupantes, não só por o consumo de substâncias ser iniciado cada vez mais cedo nos jovens, como também, o aparecimentos de novas drogas é cada vez mais frequente e assustador.

Neste estudo a idade dos primeiros consumos é muito baixa nomeadamente em relação ao álcool e à cannabis. Nos dias de hoje, o consumo de álcool e cannabis, apesar de algumas restrições legais, é mais liberalizada pela população mais nova. Alguns estudos indicam que o consumo de substâncias, promove a interação e a aceitação nos grupos de pares numa fase em que a construção da identidade e identificação com os pares é fundamental.

Os instrumentos utilizados nesta investigação possuem um potencial de investigação muito maior do que foi empregado, bastando para isso recorrer a um número mais elevado de sujeitos com comportamentos aditivos em tratamento e de sujeitos sem comportamentos aditivos, como também, a um maior número de cruzamento de variáveis e análises correlacionais entre as várias dimensões das escalas utilizadas.

Como limitações observadas no decurso desta investigação, é possível destacar que para elaborar o capítulo da discussão dos resultados foi sentida alguma dificuldade em seleccionar os estudos de apoio teórico uma vez que seria incomportável a referência de todos

eles, optando ainda assim por referir um grande número de estudos em função dos objetivos do estudo, e tentando que cada capítulo fosse demonstrativo da investigação. Sendo a toxicodependência uma realidade bastante presente na nossa sociedade, deveriam existir mais investimento em estudos nacionais, tal como, a atualização de novos dados relativamente ao aparecimento de novas drogas.

Contudo, para investigações futuras, considera-se pertinente investigação onde a amostra recolhida seja mais ampla e onde sejam incluídas e analisadas algumas das fases do tratamento de sujeitos com comportamentos aditivos. Para que seja possível verificar se existem diferenças entre estas mesmas fases.

Bibliografia

- Allport, G.W. (1960). *Pattern and growth in personality*. New York: Holt.
- Apóstolo, J. (1998a). *Comportamento Aditivo: Doença ou Adaptação*. Jornal SOS Enfermagem, Ano II, 21, Outubro.
- Apóstolo, J. (1998b). *Uma Abordagem aos Comportamentos Aditivos: As Teorias da Sociologia do Desvio e o Movimento da Descriminalização*. Boletim da Biblioteca do Hospital Sobral Cid, 1, Janeiro-Junho: pp.8-17.
- Ainsworth, M. & Bowlby, J. (1965). *Child Care and the Growth of Love*. London: Penguin Books.
- Ainsworth, M. (1967). *Infancy in Uganda*. Baltimore: Johns Hopkins.
- Ainsworth, M.D.S., Blehar, M.C., Waters, W., & Wall, S. (1978). *Patterns of attachment: A psychological study of the Strange Situation*. Hillsdale, NJ: Erlbaum.
- Ainsworth, M. (1979). *Attachment as related to mother-infant interaction*. *Advanced Studies in Behavior*, 9, 1 –49.
- Ainsworth, M. (2000). *Infant-mother attachment*. In W. Craig (Ed.), *Child social development* (pp. 13-25). Oxford: Blackwell Publishers.
- American Psychiatric Association (2002). *DSM-IV-TR: Manual de diagnóstico e estatística das perturbações mentais* (4.ª Ed.) Lisboa: Climepsi Editores
- Aragão, M. J. & Sacadura, R. (2002). *Guia Geral das Drogas*. Lisboa. Ed. Terramar.
- Arnett, J. (1996). *Sensation Seeking, Aggressiveness, and Adolescent Reckless Behavior*. *Personality and Individual Differences*, 20 (6), 693-702, DOI:10.1016/0191-8869(96)00027-X.
- Agra, C. (1998). *Entre Drogas e Crimes: Atores, Espaços, Trajetórias*. (1 Ed.). Lisboa: Notícias.
- Belsky, J. & Isabella, R. (1988). *Maternal, infant and social-contextual determinants of attachment security*. In J. Belksky & T. Nezworski (Eds.), *Clinical implications of attachment* (pp. 41 94). Hillsdale: Lawrence Earlbaum.
- Bergeret, J.(1996). *La personnalité normale et pathologique*, Paris.
- Bowlby J. (1989). *Uma base segura: aplicações clínicas da teoria do apego*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Bowlby J. (1997). *Formação e rompimento de laços afectivos*. São Paulo: Martins Fontes.
- Bowlby, J. (1969). *Attachment and loss: Vol 1. Attachment*. (Ed. 1997) London: Pimlico
- Bowlby, J. (1973). *Attachment and loss: Vol 2. Separation*. (Ed. 1998) London: Pimlico.
- Bowlby, J. (1979). *The making and breaking of affectional bonds*. London: Tavistock.
- Bowlby, J. (1984a). *Apego e Perda: vol. 1, Apego e Perda*. São Paulo: Martins Fontes.
- Bowlby, J. (1984b). *Apego e Perda: vol. 2, Angústia e Raiva*. São Paulo: Martins Fontes.

- Bowlby, J. (1985). *Apego e Perda: vol. 3, Perda - Tristeza e Depressão*. São Paulo: Martins Fontes.
- Bowlby, J. (1988). *A secure base: Clinical applications of attachment theory*. London: Routledge.
- Borges, C. F., & Filho, H. C. (2004). *Usos, Abusos e Dependências - Alcoolismo e Toxicodependência*, Lisboa: Climepsi Editores.
- Bowlby, J. *Attachment and Loss. Vol. 1: Attachment*. London: Pimlico, 1969.
- Carlson, R. (1980). Studies of Jungian Typology: *Representations of personal world*. *Journal of personality and Social Psychology*, 38, 801 – 810, DOI: 10.1037/0022-3514.38.5.801.
- Canavarro, M.C.1995; Versão Portuguesa da *Adult Attachment Scale* – R; Collins & Read, 1990.
- Canavarro, M. C ; Dias, P. ; Lima, V. *A avaliação da vinculação do adulto: Uma revisão crítica a propósito da aplicação da Adult attachment Scale (AAS-R) na população portuguesa*. *Psychologica*, 20:1 (2006) 11-36.
- Cattell, R.B. (1993). *Planning basic clinical research*. In C. E. Walker (Ed.) *The history of clinical psychology in autobiography* (Vol. 2 , pp. 101-111). Pacific Grove, CA: Brooks/Cole.
- Carckadon, T. G. (1978). *Use of the Myers – Briggs Type Indicator in psychology courses and discussion groups*. *Teaching of psychology*, 5, 140 – 142 DOI: 10.1207/s15328023top0503_7.
- Caspers, Kristin M. et al (2005). Contributions of attachment style and perceived social support to lifetime use of illicit substances. *Addictive Behaviors*, 30, 1007-1011. Iowa City, USA: Elsevier Ltd DOI: 10.1016/j.addbeh.2004.09.001.
- Cowan, D.A. (1989). *An alternative to the dichotomous interpretation of jung's psychological functions: Developing more sensitive measurement technology*. *Journal of Personality Assessment*, 53, 459 – 471 DOI: 10.1207/s15327752jpa5303_4.
- CEBRID (2003). *Livreto Informativo sobre Drogas Psicotrópicas*.
- DSM-IV-TR. (2002). *Manual de Diagnóstico e Estatística das Perturbações Mentais (4ª Edição)*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Fisher, S. P., & Greenberg, R. P. (1977). *The scientific credibility of Freud's theories and therapy*. New York: Basic Books.

- Fernandes, L. (1997). *Etnografia urbana das drogas e do crime*. Vol. 10, Lisboa, Gabinete de Planeamento e de Coordenação do Combate à Droga.
- Ferros, L. C. (2006). Relações Afectivas e Sintomatologia Psicopatológica na Toxicodependência. Contributos para a caracterização clínica da dependência de heroína. Portugal: Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto.
- Fontes, C. (2007). *O Consumo de Drogas e os Comportamentos aditivos: Alguns Modelos Teóricos Explicativos*. Revista da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais do Porto, 4: 238-250.
- Formiga, N., Aguiar, M. & Omar, A. (2008). *Busca de Sensação e Condutas Anti-Sociais e Delitivas em Jovens*. *Psicologia Ciência e Profissão*, 28 (4), 668 – 681 DOI: 10.1590/S1414-98932008000400002.
- Freud (1923). *The Mutual Influences in the Development of Ego and Id*.
- Garcia-Mijares, M., Silva, M. (2006). *Dependência de Drogas*. *Psicologia Universidade de São Paulo*, 17(4): 213-240.
- Goldberg, L. R. (1992). The development of markers for Big- Five factor structure. *Psychological Assessment*, 4, 26-42 DOI: 10.1037/1040-3590.4.1.26.
- Goldberg, L. R. (1990). *An alternative “description of personality”: The Big-Five factor structure*. *Journal of Personality and Social Psychology*:59, 1216-1229.
- Hanewitz, W. B. (1978). *Police personality: A Jungian perspective*. *Crime and Delinquency*, 24, 152 – 172 DOI:10.1177/001112877802400202.
- Hansenne, M. (2004). *Psicologia da personalidade* (J. Almeida, Trad.) Lisboa: Climpso Editores. (Original publicado em 2003).
- Janeiro, L. & Metelo, T. (2004). Contribuições para a descrição do perfil de personalidade dos utentes do CAT - Sotavento/Olhão. *Toxicodependências*, 10, 25-35.
- Jung, C. G. (1912). *Transformações e símbolos da libido*.
- Jung, C. G. (1990). *Analytical Psychology: Its Theory and Practice (The Tavistock Lectures)*. Ark Paperback.
- Jung, C. G. (1912). *Transformações e símbolos da libido*.
- Jung, C. G. (1990). *Analytical Psychology: Its Theory and Practice (The Tavistock Lectures)*. Ark Paperback.
- Jung, C.G. (1912). *Tipos Psicológicos*.

- Jung, C.G. (1981). *Fundamentos de Psicologia analítica*. V. Amaral, trad.. Rio Janeiro: Editora Vozes Ltda.
- Jung, C.G. (1984). *Natureza da psique*. 8/1. M. R. Rocha, trad.. Rio de Janeiro: Editora Vozes Ltda.
- Jung, C.G. (1987). *A prática da psicoterapia*. M. L. Appy, trad.. Rio de Janeiro: Editora Vozes.
- Jung, C.G. (1991). *Tipos psicológicos*. L. M. E. Orth, trad.. Rio de Janeiro: Editora Vozes. (Original publicado em 1921).
- Keltner, D. (1997). *Facial expression, personality, and psychopathology*. In P. Ekman & E.L. Rosenberg (Eds.), *What the face reveals* (pp.450-452). New York: Oxford University Press.
- Ló, A. B. (2007). *Contexto de Trabalho e Processos de Integração e Toxicodependência*. Lisboa: Instituto das Drogas e da Toxicodependência.
- Lloyd, C. (1998). *Risk factors for problem drug use: identifying vulnerable groups*. *Drugs: Education Prevention and Policy*, 5: 217-232 DOI: 10.3109/09687639809034084
- Matthews, G., & Deary, I. J. (1998). *Personality traits*. Cambridge. England: Cambridge University Press.
- McCrae, R. R., & Costa, P.T., Jr. (1998). *Reinterpreting the Myers-Briggs Type Indicator From the perspective of the five-factor model of personality*. *Journal of personality*, 57, 17-40.
- Matos, P.M. & Costa, M.E. (1996). *Vinculação e Processos Desenvolvimentais nos Jovens e Adultos*. *Cadernos de Consulta Psicológica*, 12, 45-54.
- Neto, D. (1996). *Tratamento combinado e por etapas de heroíno dependentes. características e evolução de uma amostra*. Dissertação de Doutoramento. Universidade Editora.
- OMS (Organização Mundial de Saúde) (1994). *Glosario de términos de alcohol y drogas*. Madrid: Ministerio de Sanidad y Consumo.
- ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (1993). *Classificação de Transtornos Mentais e de Comportamento da CID 10: descrições clínicas e diretrizes diagnósticas*. Porto Alegre: Artes Médicas
- Patrício, L. D. (1997). *Face à droga: como (re)agir?* Lisboa. Coleção Projeto Vida.
- Pina, A. (2001). *A História natural da Heroíno dependência no Algarve*. *Toxicodependências*, 7 (2): 9-15.

- Pinto-Coelho, M. (1998). *Toxicodependência: a Liberdade Começa no Corpo*. 2a Edição, Lisboa, Edições Fim de Século.
- Romeiro, D., Almeida, C. & Horta, P. (2006). Adaptação portuguesa da Escala de Impulsividade de Barrat (BIS-11). *Acta Psiquiátrica Portuguesa*, 52 (1), 1675-1683.
- SICAD (Serviço de Intervenção nos Comportamentos Aditivos e Dependências) (2014). Unidades de Desabilitação Públicas 2011.
- SICAD (Serviço de Intervenção nos Comportamentos Aditivos e Dependências) (2014). Plano Estratégico 2013-2015. Lisboa: Serviço de Intervenção nos Comportamentos Aditivos e nas Dependências.
- Sousa, F., Abrão, A. (2008). *Projeto Académico de Serviço à Comunidade, Criminalidade e Toxicodependência no Algarve: Um estudo exploratório*
- Sroufe, L. (2000). *Early relationships and the development of children*. *Infant Mental Health Journal*, 21, 67-74.
- Schmid, H. (2000). Protective factors. *Addiction medicine: concepts, strategies and therapeutic management*, 226-234.
- Uchtenhagen, A. (2000). Determinants of drug use and addiction. *Addiction medicine: concepts, strategies and therapeutic management*, 193-195.
- Uchtenhagen, A. (2000). Risk and protective factors: an overview. *Addiction medicine: concepts, strategies and therapeutic management*, 195-198.
- Vernon, P.A., Jang, K. L., Harris, J.A., & McCarthy, J.M. (1997). *Environmental predictors of personality differences: A twin and sibling study*. *Journal of Personality and Social Psychology*, 72, 177-183 DOI: 10.1037/0022-3514.72.1.177.
- Waters, E. & Cummings, E.M. (2000). *A secure base from which to explore close relationships*. *Child relationships. Child Development, special millennium issue* DOI: 10.1.1.129.791.
- Winter, D.G. (1993a). Gordon Allport and Letters from Jenny. In K. H. Craik, R. Hogan, & R.N. Wolfe (Eds), *Fifty years of personality psychology* (pp.147-163). New York: Plenum Press.
- Zuckerman, M. (1994) *Behavioral Expressions and biosocial Bases of Sensation Seeking*. New York: Cambridge University Press
- Zuckerman, M. (1979). *Sensation seeking: beyond the optimal level of arousal*. Hillsdale, NJ: Erlbaum.

- Zuckerman, M. (1990). *The psychophysiology of sensation seeking*. Journal of Personality, 58, 313-341 DOI: 10.1111/j.1467-6494.1990.tb00918.x.
- Zuckerman, M. (1993). *Sensation seeking and impulsivity: A marriage of traits made in biology?* In W. McCown, J. Johnson & M. Shure (Eds.), *The impulsive client: Theory, research and treatment* (pp.71-91). Washington, DC: American Psychological Association.
- Zuckerman, M. (1994). *Behavioral expressions and biosocial basis of sensation seeking*. New York: Cambridge University Press.
- Zuckerman, M. (1996). *Conceptual Clarification or Confusion in the Study of Sensation Seeking* by J. S. H. Jackson and M. Maraun. Personality and Individual Differences, 21 (1), 11-114 DOI: 10.1016/0191-8869(96)00060-8.
- Zuckerman, M. & Kuhlman, D. M. (2000). *Personality and risk taking: Common biosocial factors*. Journal of Personality, 68, 999-1029 DOI: 10.1002/9780470479216.corpsy0843.

Anexos

Anexo 1

ESTUDO ANÓNIMO
“Vinculação, personalidade e procura de sensações”

Está-lhe a ser pedido para participar num estudo preenchendo um protocolo de avaliação anónimo. A sua participação é inteiramente voluntária. Coloque todas as suas dúvidas se houver algo que não compreenda.

Porque é que este estudo está a ser realizado:

O objetivo deste estudo é tentar perceber a relação entre a vinculação, personalidade e procura de sensações em pessoas adictas.

O que é que este estudo envolve:

O estudo envolve o preenchimento anónimo de um protocolo de avaliação sobre a vinculação, personalidade e procura de sensações. O preenchimento deste protocolo de avaliação deve demorar aproximadamente 20 a 30 minutos. É pedido a todos os participantes para completarem o mesmo protocolo de avaliação. Assim que o devolver, a sua participação estará finalizada.

Quais são os riscos associados à minha participação neste estudo:

O único risco associado à participação neste estudo é poder sentir que algumas questões são demasiado pessoais para responder. Por favor, sinta-se livre para omitir qualquer questão que considere demasiado pessoal, e sinta-se à vontade para terminar a sua participação no estudo a qualquer momento.

E a confidencialidade:

A sua participação é completamente anónima. Não pedimos qualquer identificação. Não existe qualquer forma de saber qual dos protocolos de avaliação completou. Assim que a informação anónima de todos os protocolos de avaliação tiver sido introduzida num computador, todos os questionários serão guardados durante 5 anos e, nessa altura, serão destruídos.

Quem devo contactar se tiver questões ou problemas relacionados com o estudo:

Questões sobre este estudo devem ser dirigidas a Filipa Cirilo, filipacirilo@gmail.com e a José Brites, jose.brites@ulusofona.pt.

Q.V.T.; F. Cirilo & J. Brites, 2014

Data da entrevista: ____/____/____ Hora: ____ Min: ____

Ano Mês Dia

Parte I: Aspetos Sociodemográficos

1. Sexo: Masculino ☐ Feminino ☐

2. Idade _____ anos.

3. Habilitações literárias _____ anos de escolaridade completos.

4. Qual a sua nacionalidade: _____

5. Qual a sua etnia:

A. Asiática/Oriental ☐

B. Negra/Negróide ☐

C. Branca/Caucasiana ☐

D. Outra ☐...Qual? _____

6. Qual a sua filiação religiosa?

Católica ☐ Protestante ☐ Judaica ☐ Muçulmana ☐ Nenhuma ☐

Outra ☐...Qual? _____

7. Qual o seu nível socioeconómico atual (**assinale apenas uma opção**):

Classe Alta ☐ Classe Média-Alta ☐ Classe Média ☐ Classe Média-Baixa ☐ Classe Baixa ☐

8. Assinale o tipo de relacionamento atual e a duração desse relacionamento.

A. Casado(a) ☐.....Anos _____ e/ou meses _____

B. Separado(a) ☐.....Anos _____ e/ou meses _____

C. Divorciado(a) ☐.....Anos _____ e/ou meses _____

D. Viúvo(a) ☐.....Anos _____ e/ou meses _____

E. União de Facto ☐.....Anos _____ e/ou meses _____

F. Numa relação comprometida ☐.....Anos _____ e/ou meses _____

G. Em várias relações sem compromisso ☐.....Anos _____ e/ou meses _____

H. Presentemente não me encontro envolvido(a) com ninguém
☐.....Anos _____ e/ou meses _____

9. Em que tipo de área vive atualmente (**assinale uma das opções**):

Rural ☐ Urbano ☐

II - História Toxicológica

10. Já experimentou drogas? Não ☐ Sim ☐

Se respondeu sim na pergunta anterior responda às seguintes questões.

Se respondeu não passe à página 5.

11. Indique, por favor:

11.1 **Se alguma vez consumiu** algumas das seguintes substâncias recreativas e com que **frequência**;

11.2 Se **injetou** intravenosamente alguma delas;

11.3 Qual a **idade** dos primeiros consumos;

	Nunca	Uma a duas vezes	Mais do que duas vezes	Uso regularmente	Via Intravenosa	Idade
Álcool	1	2	3	4		_____
<i>Cannabis</i>	1	2	3	4		_____
Anfetaminas	1	2	3	4		_____
Cocaína	1	2	3	4	☐	_____
<i>Ecstasy</i> /MDMA	1	2	3	4		_____
L.S.D	1	2	3	4		_____
<i>Poppers</i>	1	2	3	4		_____
<i>Ketamina</i>	1	2	3	4	☐	_____
Heroína/Ópio	1	2	3	4	☐	_____
Cogumelos mágicos	1	2	3	4		_____
Mescalina	1	2	3	4		_____
Inalantes	1	2	3	4		_____
GHB	1	2	3	4	☐	_____
Outra (especifique:) _____	1	2	3	4	☐	_____

Por favor, certifique-se que respondeu a todas as questões.

12. Por que razões utiliza drogas? (**Pode assinalar mais do que uma das opções**)

Para aumentar a confiança	☐	Por pressão social	☐
Por prazer	☐	Para ajudar a concentração	☐
Quando estou feliz junto dos meus amigos	☐	Quando me apetece refletir	☐
Por hábito	☐	Por motivos religiosos	☐
Por pressão dos exames	☐	Quando me sinto em baixo	☐
Para se sentir mais atraente sexualmente	☐	Por ansiedade/stresse	☐
Quando estou sozinho	☐	Não Sei	☐
Outro (especifique): ----- -----			☐

13. Atualmente consome drogas? Não ☐ Sim ☐

BFI

Instruções: Nesta folha vai encontrar um conjunto de características que podem ou não aplicar-se a si. Por exemplo, concorda que é uma pessoa que gosta de passar tempo com os outros? Responda escrevendo um número à esquerda de cada uma das afirmações para indicar até que ponto concorda ou discorda com essa afirmação. Utilize a escala de 1 (Discordo fortemente) a 5 (Concordo fortemente):

1 = Discordo fortemente
 2 = Discordo um pouco
 3 = Nem concordo nem discordo
 4 = Concordo um pouco
 5 = Concordo fortemente
 Vejo-me como alguém que...

_____ 1.	É falador	_____ 23.	Tende a ser preguiçoso.
_____ 2.	Tende a encontrar defeitos nos outros	_____ 24.	É emocionalmente estável, não se perturba facilmente.
_____ 3.	É minucioso a trabalhar	_____ 25.	É engenhoso.
_____ 4.	É deprimido, triste.	_____ 26.	Tem uma personalidade assertiva.
_____ 5.	É original, tem novas ideias.	_____ 27.	Pode ser frio e distante.
_____ 6.	É reservado.	_____ 28.	Persiste até terminar a tarefa.
_____ 7.	Ajuda os outros, não é egoísta.	_____ 29.	Pode ser de humores.
_____ 8.	Pode ser um pouco descuidado.	_____ 30.	Valoriza experiências artísticas e estéticas.
_____ 9.	É relaxado, lida bem com o stresse.	_____ 31.	É por vezes, tímido, inibido.
_____ 10.	É curioso acerca de muitas coisas diferentes	_____ 32.	É atencioso e simpático para quase todas as pessoas.
_____ 11.	É cheio de energia.	_____ 33.	Faz as coisas de um modo eficiente.
_____ 12.	Inicia conflitos com os outros.	_____ 34.	Permanece calmo em situações de tensão.
_____ 13.	É um trabalhador de confiança.	_____ 35.	Prefere o trabalho que é rotineiro.
_____ 14.	Pode estar tenso.	_____ 36.	É extrovertido, sociável.
_____ 15.	É um pensador engenhoso e profundo.	_____ 37.	Por vezes, é rude para os outros.
_____ 16.	Gera muito entusiasmo.	_____ 38.	Faz planos e leva-os em frente.
_____ 17.	Perdoa por natureza.	_____ 39.	Fica facilmente nervoso.
_____ 18.	Tende a ser desorganizado.	_____ 40.	Gosta de reflectir, de jogar com as ideias.
_____ 19.	Preocupa-se muito.	_____ 41.	Tem poucos interesses artísticos.
_____ 20.	Tem uma imaginação activa.	_____ 42.	Gosta de cooperar com os outros.
_____ 21.	Tende a ser calado.	_____ 43.	Distrai-se facilmente.
_____ 22.	É geralmente de confiança.	_____ 44.	É sofisticado na arte, música, literatura

Por favor confirme se respondeu a todas as questões, isto é, se escreveu um número no lado esquerdo de cada uma das afirmações.

SSS-V

Este teste é composto por uma série de 40 itens e cada item consta de duas afirmações (A e B). Para cada item assinale (com um círculo ou uma cruz) qual das duas frases (A ou B) melhor descreve as suas preferências ou sentimentos. Nalguns casos pode pensar que ambas as alternativas podem servir para descrever os seus gostos ou sentimentos. Escolha a frase que melhor o fizer. Noutros casos vai encontrar duas alternativas que não o(a) satisfazem. Escolha mesmo assim a menos má. Não deixe nenhum item em branco. É importante responder a todos os itens com uma só escolha. Só estamos interessados nas suas preferências ou sentimentos, não em saber o que os outros pensam dessas atividades e se é correto ou não. Neste teste não há respostas corretas ou erradas. Seja franco(a) e tente fazer uma avaliação honesta de si próprio.

1. A. Gosto de festas “loucas” e desinibidas
B. Prefiro festas sossegadas, com uma boa conversa
2. A. Há certos filmes que gosto de ver duas ou três vezes
B. Não tenho paciência para ver um filme que já tenha visto antes
3. A. Penso com frequência que gostaria de ser alpinista
B. Não consigo compreender pessoas que arriscam a vida para escalar montanhas
4. A. Não gosto de nenhum cheiro corporal
B. Gosto de alguns cheiros do corpo humano
5. A. Fico farto de ver sempre as mesmas caras
B. Gosto da confortável familiaridade dos amigos do dia-a-dia
6. A. Gosto de explorar uma cidade estranha, ou parte da cidade, sozinho(a), mesmo correndo o risco de me perder
B. Prefiro alguém para me guiar quando estou num sítio que não conheço bem
7. A. Não gosto de pessoas que fazem ou dizem coisas só para chocar ou aborrecer os outros
B. Uma pessoa em que quase sempre podemos ver o que vai fazer ou dizer, tem que ser um(a) chato(a)
8. A. Normalmente não gosto de um filme ou uma peça de teatro em que posso prever o que se irá passar
B. Não me importo de ver um filme ou uma peça de teatro em que posso adivinhar o que se vai passar a seguir
9. A. Já experimentei haxixe (erva) ou gostaria de o fazer
B. Nunca seria capaz de fumar haxixe
10. A. Não gostaria de experimentar nenhum tipo de drogas que me possa produzir efeitos estranhos ou perigosos
B. Gostaria de experimentar alguma das novas drogas que provocam alucinações
11. A. Uma pessoa sensata evita atividades perigosas
B. Por vezes gosto de fazer coisas um pouco assustadoras

- | | | |
|-----|----|---|
| 12. | A. | Não gosto de libertinos (pessoas com uma grande liberdade sexual) |
| | B. | Gosto da companhia de verdadeiros libertinos |
| 13. | A. | Acho que os estimulantes me dão uma sensação de desconforto |
| | B. | Gosto de ficar com “pedalada” (beber ou fumar haxixe) |
| 14. | A. | Gosto de experimentar comidas novas que nunca tenha provado |
| | B. | Costumo pedir os pratos que já conheço para evitar decepções e surpresas desagradáveis |
| 15. | A. | Gosto de ver filmes domésticos ou slides de férias |
| | B. | Ver filmes domésticos ou slides de férias chateia-me bastante |
| 16. | A. | Gostaria de praticar esqui aquático |
| | B. | Não gostaria de praticar esqui aquático |
| 17. | A. | Gostaria de praticar surf |
| | B. | Não gostaria de praticar surf |
| 18. | A. | Gostaria de poder fazer uma viagem sem destino nem horários definidos |
| | B. | Quando viajo gosto de planejar o percurso e as horas com algum cuidado |
| 19. | A. | Gosto de amigos “com os pés assentes na terra” |
| | B. | Gosto de ter amigos excêntricos, como artistas ou “punks” |
| 20. | A. | Não gostaria de aprender a pilotar um avião |
| | B. | Gostaria de aprender a pilotar um avião |
| 21. | A. | Prefiro a superfície da água às profundezas |
| | B. | Gostaria de praticar mergulho subaquático |
| 22. | A. | Gostaria de conhecer pessoas que são homossexuais (homens ou mulheres) |
| | B. | Afasto-me das pessoas que suspeito serem homossexuais |
| 23. | A. | Gostaria de experimentar saltar de para-quedas |
| | B. | Nunca gostaria de saltar de um avião |
| 24. | A. | Prefiro amigos que sejam excitantemente imprevisíveis |
| | B. | Prefiro amigos de confiança e previsíveis |
| 25. | A. | Não estou interessado em experimentar só por experimentar |
| | B. | Gosto de experiências e sensações novas e excitantes, mesmo que sejam um pouco assustadoras, estranhas ou mesmo ilegais |
| 26. | A. | A essência da boa arte está na clareza, simetria das formas e harmonia das cores |
| | B. | Eu costumo encontrar beleza nas cores contrastantes e nas formas irregulares da pintura moderna |
| 27. | A. | Gosto de passar o tempo nos arredores familiares de minha casa |
| | B. | Fico muito inquieto se tiver que ficar perto de casa durante muito tempo |
| 28. | A. | Gosto de saltar de pranchas altas |

- B. Não gosto da sensação de estar em pranchas altas (ou nem sequer me aproximo)
29. A. Gosto de sair com pessoas do sexo oposto que sejam fisicamente excitantes
B. Gosto de sair com pessoas do sexo oposto que partilhem os meus valores
30. A. Bebida em excesso geralmente estraga as festas porque algumas pessoas ficam barulhentas e provocadoras
B. Muita bebida é a chave do sucesso de uma festa
31. A. O pior defeito social é ser bruto
B. O pior defeito social é ser chato
32. A. Uma pessoa deve ter uma razoável experiência sexual antes do casamento
B. É preferível um casal começar a sua experiência sexual em conjunto
33. A. Mesmo se tivesse dinheiro não teria interesse em associar-me a pessoas ricas e frívolas como as do “jet-set”
B. Consigo imaginar-me numa vida de prazer pelo mundo fora com o “jet-set”
34. A. Gosto de pessoas perspicazes e espertas, mesmo que por vezes magoem outras pessoas
B. Não gosto de pessoas que se divertem à custa de magoar os sentimentos dos outros
35. A. No geral há demasiadas cenas de sexo nos filmes
B. Gosto de ver muitas cenas de sexo no cinema
36. A. Sinto-me melhor depois de ter bebido uns copos
B. Algo está errado nas pessoas que têm que beber álcool para se sentirem bem
37. A. As pessoas deviam vestir-se de acordo com padrões de bom gosto, estilo e perfeição
B. As pessoas devem vestir-se como entenderem mesmo que o resultado, por vezes, seja esquisito
38. A. Fazer longas viagens em barcos à vela pequenos é estupidez
B. Gostaria de fazer uma viagem grande num barco à vela, desde que navegasse bem
39. A. Não tenho paciência para pessoas chatas e aborrecedoras
B. Costumo encontrar coisas interessantes em quase todas as pessoas com quem falo
40. A. Descer uma encosta íngreme de esqui é uma boa maneira de acabar de muletas
B. Penso que gostaria da sensação de descer muito depressa uma encosta de esqui

EVA

Por favor leia com atenção cada uma das afirmações que se seguem e **assinale o grau** em que cada uma descreve a forma como se sente em relação às relações afetivas que estabelece. Pense em todas as relações (passadas e presentes) e responda de acordo com o que geralmente sente. Se nunca esteve afetivamente envolvido com um parceiro/a, responda de acordo com o que sentiria nesse tipo de situação.

		Nada característico em mim	Pouco característico em mim	Característico em mim	Muito característico em mim	Extremamente característico em mim
1.	Estabeleço, com facilidade, relações com as pessoas.	1	2	3	4	5
2.	Tenho dificuldade em sentir-me dependente dos outros	1	2	3	4	5
3.	Costumo preocupar-me com a possibilidade das minhas parceiras não gostarem verdadeiramente de mim.	1	2	3	4	5
4.	As outras pessoas não se aproximam de mim tanto quanto eu gostaria.	1	2	3	4	5
5.	Sinto-me bem dependendo dos outros.	1	2	3	4	5
6.	<u>Não</u> me preocupo pelo facto de as pessoas se aproximarem muito de mim	1	2	3	4	5
7.	Acho que as pessoas nunca estão presentes quando são necessárias.	1	2	3	4	5
8.	Sinto-me de alguma forma desconfortável quando me aproximo das pessoas.	1	2	3	4	5
9.	Preocupo-me frequentemente com a possibilidade dos meus parceiros me deixarem.	1	2	3	4	5
10	Quando mostro os meus sentimentos, tenho medo que os outros não sintam o mesmo por mim.	1	2	3	4	5
11	Pergunto frequentemente a mim mesmo se os meus parceiros realmente se importam comigo.	1	2	3	4	5
12	Sinto-me bem quando me relaciono de forma próxima com outras pessoas.	1	2	3	4	5
13	Fico incomodado quando alguém se aproxima emocionalmente de mim.	1	2	3	4	5
14	Quando precisar, sinto que posso contar com as pessoas	1	2	3	4	5
15	Quero aproximar-me das pessoas mas tenho medo de ser magoado(a)	1	2	3	4	5
16	Acho difícil confiar completamente nos outros.	1	2	3	4	5
17	Os meus parceiros desejam frequentemente que eu esteja mais próximo deles do que eu me sinto confortável em estar.	1	2	3	4	5
18	Não tenho a certeza de poder contar com as pessoas quando precisar delas.	1	2	3	4	5

